

EDIÇÃO ESPECIAL COMEMORATIVA DO **7.º Festival do Folclore**

— Anuário da Comissão Municipal de Folclore e do Departamento de Folclore —

Olimpia, 9 agosto de 1971

Ano II — N.º II

Organizada pelo Prof. JOSÉ SANT'ANNA



É uma necessidade social a aplicação do Folclore à educação, pois é uma contribuição do mais alto significado pela intenção formativa e pelo caráter de patriotismo que imprime.

ORAÇÃO PELO BRASIL

— Da Comissão Nacional de Moral e Civismo.

Ó Deus Onipotente, princípio e
Fim de tôdas as coisas,
Infundi em nós, brasileiros,
O amor ao estudo e ao trabalho,
Para que façamos de nossa Pátria,
Uma terra de paz, de ordem e de grandeza
Velai, Senhor, pelos destinos do Brasil!

NOSSAS HOMENAGENS

Ao Conselho Nacional de Folclore

Presidente: Sua Excelência o Senhor Ministro da Educação e Cultura,
Jarbas Gonçalves Passarinho.

Vice-presidente: Rossini Tavares de Lima

Membros: Renato Almeida
Oneyda Alvarenga
Theo Brandão
Oswaldo R. Cabral
Edison Carneiro
Luís da Câmara Cascudo
Manuel Diegues Júnior
José Loureiro Fernandes
Dante de Laytano
Aires da Matta Machado Filho
Guilherme Santos Neves

À Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro - Ministério da Educação e Cultura.

À Comissão Paulista de Folclore (IBECC-UNESCO)

À Associação Brasileira de Folclore

À Sociedade Brasileira de Folclore

À Comissão Estadual de Folclore e Artesanato (Conselho Estadual de Cultura).

A Sua Excelência o Governador do Estado de São Paulo, Laudo Natel.

A Sua Excelência o Secretário de Estado dos Negócios da Cultura, Esportes e
Turismo do Govêrno de São Paulo, Pedro de Magalhães Padilha.

A Sua Excelência o Prefeito Municipal, Dr. Wilquem Manoel Neves.

Aos estudantes e estudiosos do Folclore.

Agosto de 1971

Comissão Municipal do Folclore
e Departamento de Folclore
Olímpia - Estado de São Paulo

Relatório : Diagnóstico e Prognóstico do Folclore e do Turismo Cultural no Brasil

Relator : Comissão Estadual de Folclore e Artesanato (Conselho Estadual de Cultura)

Oradores : Rossini Tavares de Lima — Alfredo João Rabaçal — Hélio Demante — José Sant'anna —
Laura Della Monica

Dia 28 de agosto de 1970

DIAGNÓSTICO

Através das comunicações dos folcloristas presentes, neste Simpósio, ficou bem esclarecida a posição que assumem perante o turismo. Esse esclarecimento se deu já na sessão inaugural, quando o Prof. Renato Almeida, presidente do IBECC e diretor da Campanha da Defesa do Folclore Brasileiro, do Ministério da Educação, além de presidente da Comissão Nacional de Folclore no mesmo IBECC, declarou, com aplauso, que nossa vocação não é desenvolver a indústria de viagens, mas considerar a importância do turismo para o intercâmbio intelectual e enquanto possa servir à mútua compreensão dos povos, ao desenvolvimento e à salvaguarda de suas culturas específicas. Nas sessões subseqüentes cuidou-se de sugerir a melhor orientação para o conhecimento do Brasil, nos seus aspectos culturais e, portanto, folclóricos também, e diversos especialistas em folclore e turismo mostraram o abandono turístico em que se encontram diferentes manifestações folclóricas no domínio das festas, danças, folguedos populares, arte e artesanato, incluindo culinária, as quais podem se transformar em grandes fontes de divisas até, para o nosso país.

Ficou bem entendido, na exposição do Prof. Manuel Diegues Júnior, diretor do Centro Latino - Americano de Pesquisas Sociais e membro do Conselho Federal de Cultura, do Ministério da Educação e Cultura, e da Comissão Nacional de Folclore do IBECC, que o Brasil só poderá ser analisado e conhecido através do critério das áreas culturais, considerando também as sub-áreas. A divisão política, administrativa e a geográfica, que costumamos adotar, só pode servir para fins didáticos. O Turismo Cultural, passeios que levam o turista ao conhecimento de expressões de cultura, no caso, cultura espontânea, folclórica, não pode deixar de abordar o problema dentro do critério das áreas culturais. Caso contrário, a Bahia continuará sendo explodada pelo vatapá, candomblé, maculelê, que são expressões da cultura espontânea do Recôncavo. Esclareça-se, porém, que no domínio do folclore, o primeiro passo para uma política turístico-cultural será o da criação de uma consciência pública, que favoreça a defesa, estímulo e a concretização dos fenômenos folclóricos, relativos às festas, danças, folguedos populares, arte e artesanato, incluindo culinária, porque estes é que interessam ou podem interessar ao turista.

O doutor Joaquim Marinho, diretor geral do Departamento de Promoção e Turismo, do Estado do Amazonas, através de «slides» e comentários, revelou a potencialidade turístico-folclórica da sua região, na parte referente à arte e artesanato e a danças e folguedos populares, com seus maravilhosos bois-bumbás, tribos, brigues, pássaros. Abordando o festival folclórico do Amazonas, criticou a eleição da rainha da festa e a intervenção de políticos, que alteram com suas manifestações de propaganda o contexto dos grupos. A mesma crítica devem sofrer aqueles que incluem nos festivais folclóricos desfiles de môças que representam diferentes Estados, ou que orientam indumentárias ou mesmo textos de cantorias. Os grupos podem e devem ser modificados, sempre, porém, de

dentro para fora e nas características de cultura espontânea em que existem. Ficou deliberado, nessa reunião, que cuidou principalmente do Estado do Amazonas, que se deve dar preferência à realização de festivais folclóricos regionais ou dentro de uma mesma área cultural, o que não impedirá a promoção uma vez e outra de festivais nacionais. O mesmo deve ocorrer com exposições e feiras de arte e artesanato.

O Prof. Veríssimo de Melo, catedrático de Antropologia Cultural da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e secretário-geral da Comissão Riograndense do Norte de Folclore, trouxe-nos também «slides» e abordou numerosos aspectos folclóricos do Nordeste, que têm condições de merecer atenção do Turismo. Estabeleceu, com muita propriedade, o ponto de vista dos folcloristas presentes a respeito do folclore e projeção folclórica: folclore, cultura espontânea da gente dos campos e da cidade; projeção folclórica simples aproveitamento do material folclórico, segundo orientação da CEFA, Comissão Estadual de Folclore e Artesanato, do Conselho Estadual de Cultura, da Secretaria de Cultura, Esportes e Turismo. Se bem que as possibilidades folclóricas sejam imensas, não há no Nordeste, exceção da Bahia, nada organizado, com fins turísticos. A Bahia mesmo deve merecer crítica, porque a indústria turística está acabando por reformar tudo, afastada do folclore e dos folcloristas. Lembrou, entretanto, o Carnaval do Recife, em Pernambuco, e as festas do ciclo do Natal, como pontos de atração turística, que estão na dependência de maior propaganda.

O Prof. Aires da Mata Machado Filho, secretário-geral da Comissão Mineira de Folclore, assessor do Secretário de Educação do Governo de Minas Gerais e catedrático da Faculdade de Filosofia, da Universidade Federal daquele Estado, sintetizou a orientação moderna dos especialistas em folclore, dizendo que cada um de nós possui uma feição folclórica. Lembrou, a seguir, as riquezas folclórico-turísticas de Minas Gerais, mencionando as festas do Divino, os folguedos populares dos Reisados de Congos, os Catopês, etc. Domina, porém, ainda, nesses aspectos, a falta de organização.

O escritor Paulo Dantas, membro da Associação Brasileira de Folclore, mostrou o descaso com que vem sendo tratado o folclore da região Centro-oeste, que ainda precisa de um sério trabalho de levantamento geral. Acredita, entretanto, nas suas possibilidades no domínio de interesse turístico. O Prof. Dante de Laytano, catedrático de História da Universidade do Rio Grande do Sul e secretário-geral da Comissão Gaúcha de Folclore, revelou as riquezas folclórico-turísticas de sua região, abordando também Santa Catarina e São Paulo. Ficou bem esclarecido que o movimento tradicionalista dos Centros de Tradições Gaúchas nada têm de folclórico, se bem que se apresentam esses centros como representantes do folclore gaúcho. Trata-se, no caso, de projeção folclórica ou aproveitamento de folclore, com finalidade de dar espetáculo. Em consequência da valorização desse movimento, que não visa nem pesquisa nem estudo, o verdadeiro folclore gaúcho está ainda, em grande parte, esquecido, em que pese sua enorme importância, como deu testemunho o Prof. Ênio de Freitas e Castro, professor da Escola de Belas Artes, da Universidade do Rio Grande do Sul e membro da Comissão Gaúcha de Folclore.

PROGNÓSTICO

Considerando

O interesse turístico pelos festivais de folclore verdadeiro, demonstrado no que a Comissão Nacional de Folclore e a Comissão Paulista de Folclore realizaram, em agosto de 1954, por ocasião das comemorações do IV Centenário da Cidade de São Paulo, o qual reuniu mais de mil participantes de danças e folguedos populares de diversas regiões do Brasil em um festivas, que foi aplaudido e assistido por cerca de 500 mil pessoal, conforme registram jornais da época.

O interesse turístico pelas peças folclóricas verdadeiras e pela culinária característica, comprovado nos dez anos de existência do Museu de Artes e Técnicas Populares, que a Associação Brasileira de Folclore mantém no Parque Ibirapuera, em convênio com a Prefeitura Municipal de São Paulo, a Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro e outras entidades, onde todos os dias comparacem turistas, fazendo a indagação sobre onde poderão adquirir folclore verdadeiro.

O interesse crescente pelos festivais e exposições-feiras de arte e artesanato, promovidos sob os auspícios da Comissão Estadual de Folclore e Artesanato, do Conselho Estadual de Cultura, Secretaria da Cultura, Esportes e Turismo, no interior, destacado o exemplo de OLÍMPIA e, agora, de Votuporanga e na Capital, revelado no número de visitantes e assistentes e na compra de peças.

E na base de uma parte do programa da Comissão Estadual de Folclore e Artesanato, que tem objetivo de estimular e defender grupos de danças e folguedos populares, artesãos e artistas folclóricos, inclusive, com fins educativos e culturais, orientando o aproveitamento do folclore pelas escolas, artistas chamados primitivos e outros pintores e escultores, acreditamos que segundo relato de folcloristas e especialistas em turismo de outras regiões, se possa fazer algo de muito importante, no Brasil, em favor de um turismo cultural folclórico. Especialmente, porque

já temos ao nosso lado a Escola de Turismo do SENAC, de São Paulo, que acaba de produzir um filme, com a finalidade de explicar o que não é folclore, já distribuído às regionais do SENAC de todo o Brasil e que cogita da produção de outros, com assistência de folcloristas.

Do que precisamos é deixar de lado as projeções ou melhor dizendo o aproveitamento do folclore, para espetáculo de turista ou "pra inglês ver" (os desfiles de môças representando Estados), as eleições de rainhas de festivais e e mesmo as competições ou concursos entre os grupos, que estão ocorrendo em nossos festivais de folclore. Vamos proteger e defender as nossas danças e folguedos populares, dando-lhes as indumentárias e petrechos que seus participantes têm necessidade para se apresentar, mas sob a orientação deles mesmos ou dos folcloristas que conhecem a dança ou folguedo, ou melhor dizendo, sempre sob a orientação dos folcloristas, que que sem dúvida vão impedir que um dançador de catira ou cateretê se vista como um gaúcho.

Precisamos também fazer frente às indústrias de artesanato e arte popular e arte popular e aos intermediários de qualquer espécie, que vivem à custa do artista e do artesão folclóricos, estimulando as exposições-feiras de arte e artesanato, oficializadas pelas Prefeituras ou pelos Estados que têm condições de concretizá-las, recebendo a orientação dos folcloristas, não dos que vivem preocupados com teorizações de origens e tradição, mas dos que admitem o fato folclórico como um fato cultural, em constante processo de atualização e reatualização, dentro, é claro, de suas características espontâneas de criação e aceitação.

Se agirmos dessa maneira, dentro em breve, será uma realidade o turismo cultural folclórico, em nosso país.

Comissão Estadual de Folclore e Artesanato Simpósio de Folclore e Turismo Cultural

Oradores: Prof. Rossini Tavares de Lima (Presidente) e Alfredo João Rabaçal, Hélio Damante, José Sant'anna, Laura Della Mônica (membros).

O 7.º Festival de Folclore está se realizando sob o patrocínio do Governo do Estado de São Paulo - Secretaria de Estado dos Negócios da Cultura, Esportes e Turismo - Conselho Estadual de Cultura - Comissão Estadual de Folclore e Artesanato.

Nossa gratidão a: Dr. Laudo Natel - Governador
Dr. Pedro de Magalhães Padilha - Secretário de Estado
Dr. Paulo Bomfim - Diretor - Técnico do CEC
Prof. A. Maynard de Araújo - Presidente da CEFA.

SUBSÍDIOS DO CURSO «COLETADOR DE FOLCLORE», realizado no Colégio e Escola Normal «Capitão Narciso Bertolino», de Olímpia.

Regido pela professora D. Laura Della Monica e coordenado pelo professor José Sant'anna (membros efetivos da Associação Brasileira de Folclore).

Danças

Manifestações coreográficas das coletividades rurais e urbanas, realizadas por ocasião de festas no interior das casas ou nos terreiros; no geral, são quase tôdas tradicionais, e não vivem à custa da moda, razão de ser das chamadas danças de salão. Exemplos: cateretê, cana-verde, dança de São Gonçalo, etc.

Folguedos populares

Fato folclórico dramático, coletivo e com estruturação. Ele é dramático não só no sentido de ser uma representação teatral, mas também, por apresentar um elemento especificamente espetacular, constituído pelo cortejo, sua organização, danças e cantorias. É coletivo por ser de aceitação integral de um agrupamento social; e com estruturação, porque através da reunião de seus participantes, dos ensaios periódicos, adquire uma certa estratificação. Os folguedos populares têm por cenário as ruas e praças públicas de nossas cidades, principalmente nos dias de festas locais. Exemplos: congadas, caiapó, dança-de-velhos, cavalhada, etc.

Grupos religiosos

Grupos de instrumentistas e cantadores, que entoam versos especialmente de assunto religioso. Exemplo: folia de Reis, folia do Divino e recomenda de almas.

Música folclórica

É a música espontânea, que se transmite oralmente, possui uma função de acôrdo com os interesses de vida da comunidade em que existe e caracteriza-se pela aceitação coletiva. Exemplos: moda-de-viola, dorme-nenês, rodas infantis e outras.

A música folclórica contrapõe-se à moda, à arte e a técnicas eruditas, que pressupõem focos exteriores de irradiação constante; possui sua continuidade preservada pelo poder de motivação.

Folclore

Ciência sócio-antropológica, que é o estudo empírico: indutivo e sistemático da cultura, caracterizada pela espontaneidade e o poder de motivação, a qual decorre da experiência peculiar de vida de qualquer coletividade humana, integrada numa sociedade, chamada «civilizada» ou histórica, em que encontram ao menos duas formas distintas de expressão: uma erudita e outra verdadeiramente popular, a folclórica.

Fato folclórico

Maneira de pensar, sentir e agir de um povo, preservadas pela tradição, ora pela imitação e menos influenciada pelos círculos e instituições que se dedicam à renovação e conservação do patrimônio científico e artístico humano, como os intelectuais, e à fixação de uma orientação religiosa e filosófica, como as igrejas e instituições sectárias, em geral.

A pesquisa em equipe

O investigador procurará sempre dar a maior autenticidade possível aos seus registros folclóricos. E para conseguí-la, nada é melhor do que a investigação direta, realizada em equipe. Uma equipe completa, deve ser constituída

de um orientador, dois ou mais investigadores (pesquisadores) capazes, quando possível dos dois sexos, de um músico, de um fotógrafo-cinegrafista, sendo que um dos pesquisadores terá a incumbência dos trabalhos de gravação sonora. Na impossibilidade de ser completa a equipe procurar da melhor maneira possível realizar o trabalho. Uma experiência realizada por nós pelo litoral norte paulista. Coordenador, três pesquisadores de folclore, dois folcmusicistas, cinegrafistas, e técnico de gravação. Inicialmente, os três citados pesquisadores de campo, de posse da orientação de como deveriam realizar a colheita, cuidaram da localização dos fatos folclóricos que seriam investigados. Após a fase de contatos e esclarecimentos, tôda a equipe passou a funcionar na região, geralmente, nas vizinhanças, aos sábados e domingos, feriados, dias de festa, ocasião favorável ao registro dos fatos de maior interesse para o trabalho que eram danças e folguedos.

O registro

Ao anotar os dados da pesquisa, o investigador não deverá dar a menor impressão que lhe causou tal ou qual fato, mas o descreverá como é ou se apresenta diante dêle.

Os fatos de transmissão oral serão registrados com a maior integridade verbal, rítmica ou melódica. Não poderão ser reconstruídos e nada o pesquisador lhes acrescentará, no caso de se encontrarem fragmentados. Aceitar e registrar mesmos os fragmentos.

A fidelidade gráfica, é o cânone elementar de todo etnógrafo.

Um homem que inventa uma novela e a publica como genuinamente folclórica, deveria ser fuzilado.

Plano de pesquisa

Nenhuma investigação será realizada sem uma planificação.

C RELATÓRIO - o investigador terá em vista a linguagem, o título, a exposição: linguagem clara, precisa.

IMPORTANTE - recolher material e anexá-lo ao trabalho. Fotografias, desenhos, mapas esquemas, etc.

(Fragmentos do livro ABECÊ do Folclore, de Rossini Tavares de Lima)

EMBOLADA - canto de procedência nordestina, que às vêzes, integra danças como o côco. Apresenta estribilho fixo e versos improvisados, em andamento rápido num estilo recitativo. Há emboladas que se tradicionalizaram tanto no estribilho como nos versos. E neste caso, estão os exemplos que aqui se acham, os quais participam do folclore do sul do Brasil, como cantos isolados.

«Eu vou mergulhar lá na maré», «Olha o rojão», «Jacaré tá no caminho».

Pesquisa folclórica é a observação controlada, sistemática dos fatos folclóricos, acompanhada de anotações e colheita ou registro mecânicos. Esta observação pode ser feita de duas maneiras; indireta e direta.

Pesquisa Indireta

O investigador procura obter dados sobre o objeto do seu estudo através de informantes e mesmo da história escrita, da literatura, de desenho, gravuras. A pesquisa indireta se exercita com a utilização de um maior número de depoimentos de testemunhas, que tenham participado, apreciado, visto ou sabido de um fato.

Pesquisa Direta

Caracteriza-se por apresentar o investigador a observar o fenômeno no próprio lugar em que subsiste. Em função que pretende estudar, escolhe a coletividade e a época em que será feita a observação. A seguir, passa a observar o fenômeno, acontecimento ou aspecto em que se encontra interessado, durante o período contínuo de tempo, necessário para poder compreendê-lo.

Observador Participante

Para bem poder realizar a observação, o ideal é que o investigador se transforme em um observador participante, isto é, que se integre ao meio onde existe o fato que será estudado. O grupo deve ser acostumar com o pesquisador até que o aceite cordialmente e o incorpore mais ou menos como um seu membro. Sem uma relativa intimidade, sem esta identificação com o grupo social, toda observação será incompleta e imperfeita.

Qualidade do Pesquisador

O investigador deverá ser:

paciente, perseverante, honesto, atento e discreto. **PACIENTE** - porque nem sempre os fenômenos ocorrem como deseja ou espera e também em virtude de que o momento de realizar o registro às vezes é ocasional. **PERSEVERANTE** - por ter necessidade de insistir em seus propósitos, para que obtenha bons resultados. **HONESTO** - porque só deverá anotar o que vê e ouve e recolher as peças, que realmente possuam valor folclórico. **ATENTO** - por depender a maior ou menor fidelidade de suas anotações e registros dessa qualidade. **DISCRETO** - porque o que interessa não são as suas opiniões e atitudes, mas as opiniões, atitudes e comportamento dos indivíduos que estão investigando.

Colaboradores do Investigador

O pesquisador necessita de colaboradores. Estes, porém, serão escolhidos com muito cuidado, dando-se-lhes uma boa orientação e fazendo-os compreender da utilidade e importância do empreendimento. **OS PROFESSORES PRIMÁRIOS E SECUNDÁRIOS**, por exemplo, poderão dar ótima colaboração ao pesquisador, realizando eles mesmos algumas colheitas com os seus alunos, depois de explicadas as diretrizes em que se deverão basear.

Entrevista

É um instrumento de trabalho, que permite ao pesquisador obter informações que o interessam, fazendo êle mesmo perguntas diretas a informantes previamente escolhidas.

a) Preparação para a entrevista

- 1 - estar familiarizado com os estudos de folclore, quando existe uma bibliografia relacionada ao assunto da entrevista;
- 2 - estudar e escrever as perguntas com antecedência;
- 3 - elaborar perguntas claras, precisas e de fácil compreensão;
- 4 - fazer apenas as perguntas necessárias, a fim de não cansar o entrevistado.

b) Da execução da entrevista

- 1 - escolher o entrevistado entre os que mais conhecem o assunto;
- 2 - conquistar a simpatia e a confiança do informante;
- 3 - esclarecê-lo do porquê de haver sido escolhido para ser entrevistado;
- 4 - não demonstrar sabedoria ante o informante, tomando atitude profissional ou professoral;
- 5 - ao fazer uma pergunta, deixar o entrevistado respondê-la livremente até que esgote o assunto;
- 6 - tomar precauções para não sugerir a resposta e também para não ser ludibriado pelo in-

formante.

Não esquecer do seu caderno de notas ou caderno da anotações **TUDO EM ORDEM!**

Lápis ou caneta que causem embaraços no momento de pesquisa devem ser evitados.

OBSERVAÇÃO — Cuidado com o registro da linguagem.

Se você perguntar a um folclore com quem êle vive e a resposta fôr: com meus zirimão - você deverá registrar tal qual a expressão que ouviu. Se disser: *alcebispo*, você escreverá assim mesmo e não a palavra corrigida: *arcebispo*.

NÃO SE ESQUEÇA — Nunca se apresente com ares de superioridade ou de muito entendido. Por vários motivos. Em primeiro lugar, porque os sabidos não têm vez com o povo, e com razão dizem: se já sabe, para que é que vem nos fazer perguntas? Em segundo lugar porque na realidade, quem sabe é o povo e a nossa missão é captar-lhe a sabedoria. **EVITE** qualquer saliência com a gente do povo, cuide do seu modo de trajar, que seja o mais modesto possível. As moças não devem ir vestidas de calças compridas.

CUIDADO - não proteste contra o absurdo, nem sorria da ingenuidade.

Aproveitamento do Folclore na Escola

Não é de hoje que vários mestres vêm se manifestando sobre a importância do folclore na Educação. A pedagogia folclórica, escreveu o professor e folclorista argentino Ismael Moya, tem um objetivo central que é o de fazer com que a criança siga o ritmo espiritual do seu povo e lhe alcance a emoção do tradicional, com as vantagens de caráter social, científico e estético. Mário de Andrade dizia: Nada melhor que as tradições para retemperar a saúde de nossa alma brasileira.

Em relação à educação de base, o secretário da UNESCO enviou informe que defendia a tese de que há necessidade de se impedir que a cultura tradicional, folclórica, seja inútilmente sacrificada por elementos, que, às vezes, não possuem nada comparável a lhes oferecer.

Joaquim Roque (Portugal): O estudo de folclore contém em si preciosos ensinamentos que, devidamente selecionados e aproveitados, serão de valor inestimável na formação e na educação do povo.

O aproveitamento adequado das atividades folclóricas locais podem assegurar ao professor nelas interessado uma melhor formação social que lhe permitirá compreender e viver os problemas da comunidade social, facultando-lhe uma preparação científica, teórica e prática, capaz de o transformar em elemento ativo ao serviço da elevação do nível econômico, cultural e normal do meio em que vai exercer o seu manus decente.

Renato Almeida - diretor da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro - No plano educacional tem o folclore lugar marcado, já que é imprescindível a convergência de várias ciências para o estudo dos grupos sociais. Com o folclore, contudo, acontece a mais ser êle um elemento didático de valor insuperável, pois o é, por definição etimológica, a sabedoria do povo.

Joaquim Ribeiro - o professor encontrará em cada aluno com que trabalha uma aptidão atávica de assimilação, favorecida pela índole do espírito regional. Também, êsse mesmo espírito, por mais contraditório que pareça aos menos avisados, levará o professor e o aluno a se aproximarem das mais íntimas expressões da alma brasileira, sem quaisquer fronteiras, do homem humilde, sofredor e ao mesmo tempo, glorioso, que é o verdadeiro e infatigável forjador dos processos da História, História nossa, História dêle, História de um mundo.



7.º Festival do Folclore

CONVITE

Doutor Dimas Egydio dos Santos

Folclore é como o nascer e pôr-do-sol. Simples. Cotidiano. A sua beleza está no mistério que encerra. O simples mistério do que é natural. São almas intocadas e intocáveis na sua natureza que agitam a festa. Semeiam amor e preservam os usos e costumes, sem nada pedir. Folclore é o retrato vivo do que você não viu. Que ninguém viu. Folclore não tem época. É o ontem e o hoje. É a alma de um povo que, como a corrente de um rio, existe. As águas vão e voltam, sem desmanchar a corrente. Nada nôvo. Tudo de nôvo. Venha ver a arte popular que não morre nunca, porque é simples, porque é natural, Venha a Olímpia, entre 9 e 15 de agosto, e você vai viver conosco as emoções da cavalcada. O ritmo quente dos nossos folguedos populares, congada, moçambique, reisado, fandango, caiapó. Os espetáculos impressionantes da capoeira, do maculelê e do rodeio. A beleza incomparável de um cordão de bichos. As toadas dolentes das folias de Reis, de São Sebastião, do Divino Espírito Santo, de São João e de São Gonçalo. O candomblê, o jongo e o lundu. A graciosidade das danças: Pau-de-Fitas, Bambu, Catira, Chula, Facões, Pericom, Cana-Verde, Balaio, Rancheira da Carreirinha, Rilo, Caranguejo, Pêzinho, Chotes, etc. Tudo isso fará você gostar mais do que é nosso. É um momento de afirmação nacional. Venha conhecer a Capital do Folclore. Venha conhecer Olímpia e sorrir com ela.

«Ao lado da língua nacional, assumem idêntica significação as artes populares, na espontaneidade de suas criações, na estreita identidade entre o artista e o público, na rudeza e primitivismo que caracterizam a sensibilidade popular. A música, a cerâmica, os bailados, as festas históricas e religiosas extrovertem o que de mais profundo existe na alma humana. Um povo não esgota nunca a sua imensa faculdade de criar. Por vêzes, movimentos eruditos contêm essas manifestações populares por excelência. O folclore é a tradição que so-

brevive. A arte popular brotará em qualquer momento; o folclore marca a continuidade do tempo. Representa o compromisso da perenidade.

Assim como o hinário se enriquece com as canções tipicamente de inspiração brasileira, assim os símbolos sacrados recebem também, no culto à nacionalidade, a contribuição valiosa das tradições, especialmente do folclore e da arte popular. No primitivismo não ha formas preconcebidas: é a alma que se releva em impulsos e instintos de criação».

(Texto extraído do livro: «Introdução à Educação Moral e Cívica», de Celso Kelly.



FOLCLORE — Festa de um povo que se entende

JOSÉ SANT'ANNA

Presidente da Comissão Municipal de Folclore

Há muito pensávamos, desde os bons tempos do Colégio Olímpia, em 1957, criar em nossa cidade um órgão que pudesse proteger e divulgar o folclore de nossa região. Começamos com uma série de palestras acêrca da importância desta ciência. Fizemos algumas coletas. Montamos uma exposição (muito humilde). Em 1958 repetimos o mesmo trabalho acrescido de algumas pesquisas de campo, realizadas por estudantes de grau mais adiantado e uma exposição nas vitrinas da "Triunfal Modas". Em 1959 a exposição foi para a "Camisaria das Fábricas". Nos anos de 1960, 1961, 1962 e 1963 as exposições foram montadas internamente no referido Colégio Olímpia (hoje extinto). Em 1964 levamos, novamente, nossa exposição ao público, instalando-a, desta vez, na Exposição de Móveis Bandeirantes. Nessa ocasião já estava bem mais ampliada.

Em 1965 nossas atividades foram enriquecidas. Nossa exposição foi armada nas dependências da antiga "Taba do Carajá", bem no interior da cidade. Neste mesmo ano apresentamos magnífico festival de músicas folclóricas, contando com a participação de Eli Camargo, intérprete das canções brasileiras. O folclore foi levado às ruas através de um belíssimo desfile. Foi nessa ocasião que brilhou, com maior intensidade, dentro de nós, o entusiasmo para aprofundarmos em nossas entrevistas e pesquisas a fim de recolhermos o folclore regional. Em 4 de junho de 1966 criávamos o Departamento de Folclore de Olímpia, constituído de professores de estabelecimentos de ensino médio. Nossa primeira preocupação foi ministrar aos professores e alunos o primeiro curso de orientação para os pesquisadores de folclore: "Coletador de Folclore", oficializado pela Campanha de Defesa do "Folclore Brasileiro" (órgão da Ministério da Educação e Cultura) e prelecionado pela folclorista Laura Della Mônica, respeitável amiga de Olímpia.

No mesmo ano de 1966 chegamos ao Museu de Folclore do Ibirapuera (São Paulo), onde temos uma secção especialmente para o Folclore de Olímpia.

E, pretendendo aprimorar os conhecimentos de nossos estudantes para que o julgamento de tudo o que constitui a nossa tradição seja objetivo, seja equânime, não esmorecemos em sustentar nosso Departamento de Folclore e nossas pesquisas.

Excelentes personagens têm lutado, incansavelmente, para a continuidade de nossa obra: são os professores dos diversos estabelecimentos de ensino olimpiense a quem admiramos pela nobreza e coragem moral, pela consciência ativa, pela inteligência preclara, pelo inquebrantável amor ao serviço da ciência que estuda a sabedoria do povo. Outros exemplos precisam

ser citados: nossos alunos e seus familiares (que levam a sério o folclore), sempre trabalhando juntos conosco, repartindo nossas tarefas, fortalecendo-nos em cooperação e fraternidade.

E assim foram 1967, 1968, 1968 e 1970. Criou-se a Comissão Municipal de Folclore (Conselho Municipal de Cultura), da Prefeitura Municipal. Neste ano de 1971 está sendo realizado nosso 7.º Festival. É uma tarefa que demanda amor ao trabalho e muita paciência, mas com o amparo de Deus poderemos conseguir, novamente, mais uma projeção para nossa "terrinha". São amargas as lutas, porque enfrentamos, na maioria de vezes, sérias dificuldades financeiras. Somos estimulados e elogiados por quase a totalidade da população e sob a proteção de Cristo, a quem entregamos os cuidados sem temor, temos triunfado. Aos olimpienses oferecemos o pouco que podemos realizar em prol de nossa cidade para bem servir o Brasil, servindo-o com todo o nosso sentimento, inspirado na recordação do nosso passado, prometendo defender nosso Folclore (afastando os elementos que lhe são prejudiciais), em nossos dias, para que ninguém diga: "Começaram uma obra e não a terminaram".

E, para que seja sempre presente a proteção de Deus sobre aos céus nossa prece, num preito de gratidão:

"Ó Soberano Criador do Universo, Ser sublime que Te ocultas a todo o olhar e a tôdas as inteligências, é a Ti, a Ti só que pertencem as homenagens do nosso conhecimento.

Tu que nos deste o poder do raciocínio e o privilégio das pesquisas e descobertas, ajuda-nos a reconhecer as nossas limitações, a não pretender o monopólio da verdade, a não nos tornarmos orgulhosos da nossa inteligência e vazios na nossa imaginação.

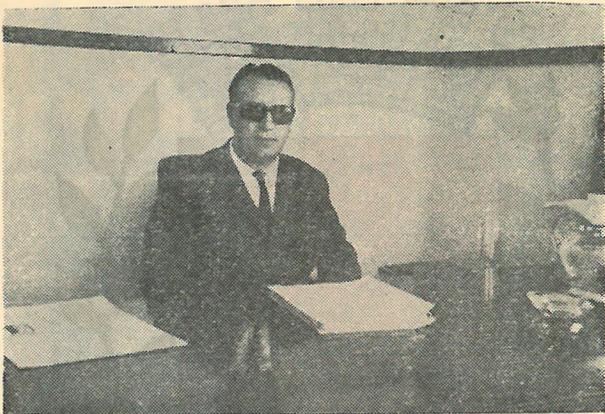
Ó Espírito Infinito, Santo e Purificador, que transformas e habitas o coração humano e lhe ensinas tôdas as coisas boas, que inspiras as vocações, suscitas os ideais, insuflas os desejos de servir o bem e a verdade!

Agradecemos-Te pelo Festival de Folclore que completa agora sete anos de existência.

Quantas experiências, Senhor! E quanto conhecimento nôvo, advindo da alma sentimental de teus filhos que, no desejo de explicar o desconhecimento, expressar o Belo, ou comunicar-se com o Infinito, traduzem seus pensamentos na expressão singela de seus corações humildes e de teus parcos recursos culturais.

Livra-nos, Senhor, de um espírito crítico e sem eqüidade. Livra-nos de desconhecer aquilo que vem de Ti na projeção criativa de nossos semelhantes, através da alma do povo que é o Folclore.

Tôdas essas cousas, rogamos-Te, agradecidamente, em nome do "Senhor Jesus".



Dr. Djalma Rubens Lofrano

Dados biográficos

Nasceu em Mirassol, SP, a 7 de março de 1931. Filho de Raphael Lofrano e Annita Baccan Lofrano. Na terra natal cursou o primário, de 1938 a 1941, e o ginásio, de 1942 a 1945, no então "Ginásio e Escola Normal Municipal", o primeiro estabelecimento a ter o curso normal em toda a Alta Araraquarense. Concluiu o curso ginásial em primeiro lugar, tendo sido o orador da turma. Fêz o 1.º e o 2.º anos do científico e o 3.º clássico no Colégio Estadual de São José do Rio Preto, hoje "Instituto de Educação Monsenhor Gonçalves", de 1946 a 1948, concluindo o segundo ciclo em segundo lugar.

O curso superior foi todo na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (Largo de São Francisco), entre 1946 e 1953.

Durante toda a carreira de estudante, exerceu várias atividades (locutor e redator de programas radiofônicos, lente de história, Latim e Ciências em várias escolas na Capital do Estado e por três anos auxiliar em escritório de advocacia naquela cidade).

Em 1954 instalou banca de advogado em Mirassol, onde se casou, em 1955, com dona Maria Aparecida Lopes Lofrano, nascendo dêse

consórcio os filhos Jesus de Nazareth Lofrano, Sílvia Fernanda Lofrano e Djalma Rubens Lofrano Filho, agora com 14, 13 e 7 anos de idade, respectivamente, os dois primeiros cursando o C.E. N.E. "Cap. Narciso Bertolino" e o último o primário na Grupo Escolar Anita Costa.

No mesmo ano de 1954, por um mês, exerceu a Promotoria Pública de Mirassol. Deixou o exercício da advocacia, depois de, na mesma cidade, ter militado em política, sendo eleito vice-prefeito e tendo assumido a Prefeitura Municipal eventualmente, ter sido fundador e primeiro presidente da Sociedade Amigos da Cidade de Mirassol, cargo em que pertenceu por três anos, e por dois anos presidente da Sociedade Cultural Mirassolense, para exercer a magistratura, a partir de 30 de setembro de 1964, aprovado que foi no primeiro concurso prestado, obtendo o quarto lugar entre pouco mais de 400 inscritos.

Foi Juiz Substituto da 13.ª Circunscrição Judiciária (Barretos) até 31 de março de 1966, data de sua promoção para Juiz de Direito de José Bonifácio. Promovido em 24 de maio de 1967, para o comarca de Cajuru, e, em 18 de setembro de 1969, para Olímpia.

Impressões sôbre Festivais de Folclore em Olímpia DJALMA RUBENS LOFRANO - Juiz de Direito

Vindo de uma zona velha para cá, de Cajuru, "bôca da mata", ponto de pouso dos Bandeirantes, os pioneiros da integração nacional, para Olímpia, a cidade menina-môça, longe estava de imaginar a grandeza do culto que aqui se presta às mais legítimas tradições dos costumes de nosso povo.

Nestas plagas bonitas de nosso Estado, forjadas no caldeamento de todas as raças, remanescem ainda, em toda a sua inteireza e simplicidade, como que por encanto, antigas práticas populares, dos rudes sertões de outrora, a perpetuarem-se no tempo, a enfeitar os olhos de hoje, a acariciar os ouvidos de quem vive agora e a dar emoções de um rico passado, que um pugilo de olimpientes dedicados, entre os quais sobressai a tenacidade do incansável professor José Sant'anna, não permitiu fôsse lançado nas dobras do esquecimento.

Vi, assim, com êstes mesmos olhos e com esta mesma alma que Deus me emprestou, o 5.º e o 6.º Festivais de Folclore de Olímpia, em agosto de 1969 e 1970. Contemplei e ouvi

embevecido, entre outros quadros maravilhosos, os conjuntos "Chula", de Tanabi, "Congada", de São Sebastião do Paraíso, "Fandango" de Sorocabana, "Folias de Reis" e "Dança de São Gonçalo", de Olímpia. E, com emoção indescritível, assisti, do alto de minha residência, ao assentar-se uma noite calma, a passagem dos "Caiapós", de São José do Rio Pardo, com suas vestes de capim, o tom azulado das partes descobertas do corpo e o ajustado ritmo de seus instrumentos de madeira, tudo autêntico, perfeito, sem inovações deturpadoras.

Assim se cultivam entre nós as tradições dos usos e costumes do povo, em inaudito esforço de larga expressão cultural, tanto que a cidade "menina-môça" logrou, com muita justiça, a denominação de "Capital Paulista do Folclore".

Entendo indispensável, pois, um mais decisivo apoio, sobretudo material, dos Podêres Públicos, maximé, o Estadual para que através dos anos tais festas se tornem uma constante, a alegrar e instruir as gerações porvindouras, dando-lhes o folclore vivo, o mais eficiente método de ensinar.

Folclore divulga Olímpia e Fomenta o Turismo Cultural

Prof. Palmira Marcelina Degásperi Rodrigues

É com renovado entusiasmo que anualmente nós, olimpienses, aguardamos a realização do nosso Festival do Folclore.

Com simpatia assistamos, alguns anos atrás, às suas primeiras tímidas manifestações que se originavam, antes de tudo, do carinho que seus idealizadores dedicavam à cultura do povo e da necessidade de transformar este respeito pelo folclore numa grande manifestação, uma festa do povo olimpiense para todo o Brasil.

Idéias, planos e atividades foram se adensando, conquistando a admiração de todos pela sua amplitude e beleza, projetando Olímpia para muito além de seus limites territoriais.

Para proporcionar uma visão do que é hoje o Festival de Folclore de Olímpia vamos recordar alguns dados importantes do Festival de 1970. No ano passado foram enviados ofícios para 500 estabelecimentos de ensino, 571 Prefeituras e Câmaras Municipais, convidando-os para assistirem à realização do Festival. Foram prensados 5000 discos "Olímpia e seu Folclore Musical - II" e distribuídos por todos os Estados da União através de seus estabelecimentos de ensino médio.

A imprensa registrou significativamente o fato como se pode constatar pelos dados que se seguem: duas reportagens no jornal "O Estado de São Paulo" (tiragem de muitos mil exemplares); 2 reportagens no jornal "A Fôlha de São Paulo", sendo a segunda de 2 páginas (tiragem 300 000 exemplares); duas reportagens no jornal "Diário de São Paulo" (tiragem de 166 000 exemplares); publicação no Diário Oficial do Estado; publicação em outros 131 jornais do Estado de São Paulo; divulgação de Boletins da Secretaria de Estado dos Negócios da Cultura, Esportes e Turismo; publicação na Revista Brasileira de Folclore (MEC - Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro), sendo importante observar que esta revista é traduzida para 3 idiomas; publicação no livreto "Folclore Paulista", com tiragem de 50 000 exemplares, pela Secretaria de Estado dos Negócios da Cultura, Esportes e Turismo; edição especial do Tablóide da Nova Paulista com tiragem de 3000 exemplares; edição especial do Jornal da Cidade com cerca de 1500 exemplares; publicação na revista "Prezado Companheiro" da Companhia Paulista de Fôrça e Luz, etc.

Também a imprensa falada marcou presença constante no VI Fefol; basta lembrar a total cobertura feita pela Rádio Record de São Paulo que proporcionou a Olímpia uma semana de publicidade de vasto alcance.

Para grande satisfação de todo olimpiense tivemos ainda a feliz notícia da inclusão do Festival no Roteiro Turístico do Estado e oficializado pela Comissão Estadual de Folclore e Artesanato (C E C).

Mas o Festival de Folclore não se limita às apresentações de elementos da cultura popular. Todo olimpiense recorda os grupos autênticos de danças, de folguedos populares, bailados; as exposições de arte e artesanato que anualmente são montadas para que o público possa apreciá-las devidamente.

Outras promoções integram ainda necessariamente a realização de cada Festival.

Nunca os seus organizadores se esqueceram do aspecto cultural de um empreendimento de vulto como este. Para compreender o folclore é preciso conhecê-lo; conhecendo-o nós o res-



peitaremos e procuraremos preservá-lo como o legítimo antepassado da nossa própria cultura. Assim sendo, muitos olimpienses vêm estudando o Folclore Brasileiro através dos muitos cursos já ministrados:

1 — Coletador de Folclore, 2 — Ciclo do Carro-de-Bois no Brasil, 3 — O Folclore no Museu Estrangeiro e no Museu do Brasil, 4 — Aproveitamento do Folclore na Educação, 5 — Lendas Indígenas, 6 — Pesquisa Folclórica, 7 — Folclore Musical, 8 — O Folclore Musical na Composição Brasileira, 9 — Problemas relativos ao Fato Folclórico, 10 — Danças Folclóricas Brasileiras, 11 — Folclore e Literatura.

Os cursos referidos foram ministrados por especialistas no assunto e reconhecidos pelos órgãos oficiais do Ensino.

Também a participação da juventude estudantil de nossa cidade se faz sentir em várias promoções destinadas aos jovens. Dois concursos realizados anualmente conferem prêmios aos melhores trabalhos de pesquisa folclórica. São eles o "Concurso Folclore" e "Concurso Dr. Silviano Pinto". "E quem não se lembra da vibração dos estudantes com a realização da Maratona Folclórica (1969) e do Torneio Cultural Estudantil sobre Folclore (1970) realizado este último no Cine Olímpia e do qual participaram os alunos do C.E.N.E. "Capitão Narciso Bertolino" e do C.E. da Vila São José. E não é só. A Olimpíada Folclórica com seus jogos e brinquedos chama a participação da garotada que é sempre maciça e contagiante. Mas não podemos conferir a estes aspectos a participação dos estudantes. Rapazes, môças e crianças, espontaneamente, integram grupos de danças folclóricas, apresentando maravilhosos espetáculos de Projeção Folclórica.

Haveria muito ainda que dizer sobre o FEFOL: a apresentação de grupos autênticos, as barraquinhas da Praça Rui Barbosa, as serenatas, o afluxo de ônibus lotados que diariamente trazem tanta vida e calor à cidade. Mas é difícil fazer sentir toda esta beleza. Não podemos ensinar o que é o Festival de Folclore de Olímpia, mas com muito orgulho e prazer, dizemos-lhe: Venha ver. Venha sentir o Folclore Brasileiro bem de perto. E no fim, um majestoso desfile encherá seus olhos de côres, de harmonia, de beleza, de passado e de presente, de tradição e de atualidade. Tudo se fundirá aos seus olhos, na sua mente e no seu coração com uma só mensagem - Festival de Folclore de Olímpia: Brasil de ontem, hoje, para sempre.

O Folclore como manifestação de cultura

Nilce Aparecida Lodi

Maria Aparecida Rocha Bauab

(Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São José do Rio Preto).

Trabalhando no Arrolamento das Fontes históricas de Olímpia, tivemos oportunidade de conhecer - de perto - os preparativos que estão sendo feitos organizadores do Fefol, numa tarefa que merece todo o apoio, como vem sendo, não só pelo seu valor cultural, destacado em primeiro lugar, mas também pelo seu valor turístico, difundindo elementos primordiais da tradição denominada «folclórica».

Não somos especialistas em folclore (infelizmente), porém, isso não nos impede de fazer um apêlo - talvez desnecessário - para que Olímpia continue a manter êsse Festival, pelo que contém de autêntico e histórico. A necessidade de valorização do estudo da cultura popular é orientada pela sua evidente utilidade. Como observa L. da Câmara Cascudo, é preciso que, para os estudiosos, sobretudo os especialistas em realidade brasileira, deixe o folclore de ser visto apenas como um documentário de curiosidade e exotismos, de matutismos e regionalismos, sobrevivências do falso interior, do falso roceiro. Já é tempo de que o desenvolvimento, certamente recente, das ciências antropológicas e sociológicas, coloque o folclore no seu devido lugar, com seus objetivos e métodos próprios e que os chamados «intelectuais» dêle se ocupem como convém.

Na cultura popular não existem «atos gratuitos», tudo tem o seu significado. Assim entendemos o caráter do folclore, como expressão de uma cultura, de cujo dinamismo participa, como tradutor de uma experiência coletiva, dos modos de ser da comunidade, como resultante de uma mentalidade incorporada. De fato o folclore, adaptando-se ao presente, às novas gerações, não deixa de trazer consigo os resíduos imemoriais das forças primitivas, em cujo meio se precipitam essências imanentes da sabedoria popular, humana.

Mas, não queremos dizer que o folclore é apenas a ciência da vida popular, do pensamento que a inspira e dirige. O folclore, que se encontra primordialmente no primitivo e no povo, está em toda parte, mesmo nas classes «altas ou superiores», de forma espontânea, mostrando que nada pode fugir às relações indissolúveis do «folk». Êsse fenômeno social quando pesquisado na sua «profundidade», mostra até onde o folclore influi ou pode influir na estruturação da sociedade, principalmente da sociedade, principalmente nos países americanos de formação rural. Podemos citar como exemplo o «lundu», que de dança negra de terreiro (ainda existente em Minas Gerais) passou aos palcos e, em seguida, aos salões do Império.

O elemento «primitivo» não desvaloriza o folclore, como acreditam supostos racionalistas: o fato de possuir elementos míticos e vivificados mostra apenas a complexidade dos estudos que os fenômenos de contato, difusão e convergência folclóricas obrigam, ou seja, requerem, para a exegese dos seus fatos e pela estreita ligação com a imagem e a religião, nas

suas origens mais remotas.

A Carta do Folclore Brasileira diz que, «em face da natureza cultural das pesquisas folclóricas, exigindo que os fatos culturais sejam analisados mediante métodos próprios, aconselha-se, de preferência, o emprêgo dos métodos históricos e culturalistas no exame e análise do Folclore».

A ciência do folclore aspira estabelecer em particular a progressão e as conexões históricas de cada idéia cultural, isto é, de cada invenção ou grupo de invenções, de alguma forma ligadas. O folclore é a ciência do povo e o recupera como tal, como protagonista e vivificador da cultura. A História, dêle se utiliza amplamente. Como sabemos, ela não é apenas «o estudo do passado» e não pode ser definida como tal, sem riscos de parcialidade. Ela — como o folclore — abrange um longo período que tem início no homem como ser racional. No entanto, como disciplina especial, não consegue a história esclarecer tôdas as questões culturais, sem recorrer ao auxílio das ciências «afins», como a antropologia, a etnografia, a sociologia, etc. e ao folclore como expressão daquilo que o povo tem de mais puro, mais isento do polimento escolar e do «verniz» da sociedade. Aliás, para o Prof. Arthur Ramos, o folclore é uma das divisões mais importantes da antropologia.

O folclore brasileiro ainda dá os seus primeiros passos como matéria institucionalizada, como matéria escolar. Como parte integrante da cultura brasileira, atingirá a maioria «acadêmica», doutrinária, quando possuímos seu conhecimento em extensão nacional. Sabemos que os que vierem a Olímpia terão oportunidade de observar alguns dos principais implementos do folclore como o apito, o bambu, a bandeirola, a canoa, o cetro, a coroa de imperador do Divino, a cruz, o estandarte de São Benedito, a fita, a garrucha, o casal João Paulino e Maria Angu, o Judas, a lança, o lenço, a luminária, a máscara de folia de Reis, o remo, a ronqueira, para limitarmos-nos ao folclore paulista (pois os mencionados implementos são característicos do nosso Estado e estão descritos por Alceu Maynard de Araújo, no seu «Folclore Nacional», Vol. III), além de elementos folclóricos de outras regiões, que, unidos aos primeiros, oferecerão excelente material para os estudos de folclore comparativo.

O Fefol propiciará aos especialistas e espectadores uma experiência única; aos primeiros, de verificação e confirmação de hipóteses, aos segundos, de contato com a «magia ritualística» do povo, seu sentimentalismo e vivência seculares. Como professoras de História, comprimos os organizadores do Fefol, compreendendo seu espírito de cultura, sentindo como êles, a grande tarefa a ser realizada com duplo objetivo: por um lado a conservação e difusão do folclore, e por outro, a divulgação turística da cidade (tanto que foi incluída no Roteiro Turístico do Estado), com conseqüente estímulo sócio-cultural-econômico. Parabéns aos organizadores.

O FESTIVAL DA SERESTA

NO FESTIVAL DO FOLCLORE

É quando o silêncio absoluto paira sobre a cidade adormecida que os seresteiros buscam as janelas das residências para levar a sua arte, a sua doçura, a sua alegria.

Semidespertos, talvez julgando tratar-se de um sonho maravilhoso ouve-se o ressoar no espaço vazio do silêncio o pontear agudo das cordas de uma viola, o dedilhar submisso do acompanhamento no bordão de um violão e o som das vozes que procuram num dueto, terceto ou quarteto o acasalamento perfeito, uniforme e sentimental de uma das melodias folclóricas:

Anjo Lindo

1. Dor-me — Ó meu anjo lin-do — Vai calma dor-mir — Quem vela sou eu — e ve-lo por ti.
2. Dorme — sem ne-nhum cui-da-do — Que estou a seu lado — Sonha — Com noites de lua — a minh'alma é só tua — Quem vela sou eu.

I

Dorme, ó meu anjo lindo
Vai calma dormindo
Quem vela sou eu.

II

Dorme, sem nenhum cuidado
Que estou a seu lado
É velo por ti.

III

Sonhar, com noites de Lua
Minh'alma é só tua
Quem vela sou eu.

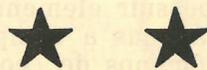
Dentro do estabelecido e premeditado, do ensaio e do repertório, a força do sentimento e da alma, na naturalidade perfeita cede lugar à improvisação, a verdadeira arte da seresta e do folclore. É o verdadeiro espírito da seresta. Raríssimo é seguir-se o estabelecido. Não há horário, a noção do tempo perdeu-se no espaço e no espírito. O que vale é o momento presente, só existindo a beleza, a saudade, o encanto místico da noite e da Lua.

A vontade é de prosseguir andando pelas ruas, visitar mais casas, mas a fascinação exercida pelo momento nas pessoas que receberam a serenata torna imperiosa a presença dos cantores e acompanhantes dentro da residência.

Bebidas de várias qualidades, salgadinhos, doces e música autêntica. No silêncio da noite, no cantar do seresteiro, lembrança saudosa de um tempo que não volta mais. A vontade é ficar eternamente em serenata, mas outras casas, outras residências precisam receber também a visita dos músicos. Dentro em pouco raiará o sol, impertinente arauto da visita do dia.

E segue a serenata na noite temperada de agosto, dentro do Festival do Folclore. Segue sabendo que virão outros dias, outros festivais, outras serenatadas. E segue a serenata...

Acordai donzela
Pois que a noite é bela
Vem ver o luar...
Vem ouvir os cantos
Tão cheios de encantos, etc.



Inesita Barroso

Dados Biográficos

Inês Madalena Aranha de Lima, este o seu nome, nasceu na «capital progresso», mais especificamente na Barra Funda, bairro paulistano emoldurado pelo colorido e calor humano emprestado pelos imigrantes italianos.

Desde tenra idade, Inesita mostrou indiscutíveis pendores para a arte, estudando piano (8 anos), dança clássica, até mesmo biblioteconomia.

Aos 7 anos, estreou na Rádio Cruzeiro do Sul, num programa dirigido pela sua mestra Mari Buarque. Em estações de rádio, cantou até aos 16 anos, quando abandonou o piano e o balé para se entregar, de corpo e alma ao violão, transmitindo inclusive seus conhecimentos às alunas de uma escola que fundou.

Em 1947, contraiu matrimônio com o advogado Maurício Barroso sem prejuízo de suas aulas de violão.

Em fevereiro de 50, após o nasci-

mento de sua filha, Inesita decidiu tentar o cinema, além de realizar os célebres e memoráveis recitais no Teatro Brasileiro de Comédia.

Teve participação esplêndida em 6 filmes nacionais, sendo que num deles recebeu o Troféu Saci.

O Sucesso da nossa famosa intérprete folclorista atravessou os limites gigantescos do Brasil. Em 54, no Festival de Punta Del Este, emocionou a multidão de 40 000 pessoas presentes ao Estádio Centenario ao cantar, como só ela sabe, o «O Funeral de Um Rei Negô». Os artistas norte-americanos voltaram à sua Pátria simplesmente empolgados com a nossa Inesita.

Da Rússia, por intermédio de Alberto Cavalcanti e Jorge Amado, já recebeu perto de uma dezena de convites. «Paris quer vê-la», assegura o famoso cineasta Jean Louis Barrault, «Portugal também» faz côro Amália Rodrigues.

INESITA E O FOLCLORE

Inesita Barroso, após muitos anos de pesquisas e estudos, hoje é considerada uma notável folclorista brasileira. Sua contribuição para o levantamento e difusão de um acervo riquíssimo da inventiva anônima de compositores, instrumentistas e cantadores do interior brasileiro, é das mais notáveis.

Inesita Barroso, aliás, pretende reunir seus estudos e suas impressões pessoais num livro que devera ser editado pelo Instituto Nacional do Livro.

A influência e o gosto pela ciência do povo são tais que ela diz, com uma ponta de justificado orgulho:

— Minha maior alegria na carreira artística foi a receptividade do povo às minhas criações. Isto porque o que interpreto pertence

a este mesmo povo. Por exemplo, estive em 1950 numa fazenda em Mumbuca, no interior paulista, com meu violão. No terceiro dia de minha estada à noite, chegaram umas 200 pessoas de caminhão, a pé, a cavalo, «prá vê a muié que canta e toca violão». Outra vez, quando fui visitar a cadeia de Guaranhuns, no interior de Pernambuco, um dos presos, que tinha rádio, reconheceu minha voz com sotaque paulista. Os presos pediram-me que cantasse. Cantei para eles durante horas. Alguns deles choraram. Eu também.

É essa criatura excepcional, tanto como figura humana quanto como intérprete, que está conosco no 7.º Festival de Folclore. Inesita no palco é o próprio povo brasileiro cantando as coisas que são nossas, da maneira que nós somos.

Sugestões para as comemorações do mês do Folclore, agosto, nas Escolas do Ensino Médio.

1. Fazer levantamento de artesanato folclórico do bairro, município e vizinhanças. Considerar artesanato folclórico os objetos feitos à mão, com auxílio de rudimentares instrumentos de trabalho, por uma pessoa ou no máximo um pequeno grupo de pessoas. Material a ser levantado e coletado: objetos de barro (panelas, potes, bonecos, figuras de presépio, imagens, pitos ou cachimbos); de madeira, chifre, cêra, miolo de pão, papel, lata (bonecos, figuras, santos, cabos de rêlho, gamelas, pilões, violas, tambores, carroças, carros-de-boi, máscaras, utensílios domésticos); bambu, tábua ou piri, palha de milho, cipó e outras fibras vegetais (cêstos, abanos, chapêus, esteiras, rêdes, peneiras, gaiolas, alçapões e outras armadilhas); couro e sedenho (selas, rédeas, chicotes, cabrestos, rabicho, botas); fio de algodão (tecidos para roupas, colchas, coxonilhos, tapêtes, rêdes, bordados, crochês, abrolhos, rendas, amarrilhos, rêdes de pescar), flôres artificiais, colares, brincos, berloques, pulseiras, anéis, alianças, recortados de papéis para enfeites, pinturas ou desenhos (bandeiras de santos, por exemplo). Ou quem sozinho ou com poucos ajudantes trabalha no ofício de ferreiro, seleiro, funileiro, sapateiro, serralheiro, cordeiro, tanoeiro, fogueteiro, doceiro ou doçaria, ou no fabrico de farinha de milho, fubá, farinha de mandioca, cachaça (produção de engenhoca), mel de abelha, fumo.

2. Na base do material levantado organizar uma exposição na escola ou em outro local mais apropriado, que pode ter características de feira, com venda dos produtos pelos próprios artesões. Essa exposição do artesanato poderá conter miniaturas de casas de pau-a-pique, santas cruzeiras ou capelas de beira de estrada, fazendas e dependências, com seus cercados típicos, além do mobiliário rústico (bancas, cadeiras de tábua ou piri trançado, tripeças ou tamboretas, oratórios).

3. Organizar com os alunos torneios de brinquedos tradicionais: papagaio ou quadrado, pião de madeira, peteca de palha de milho, unha-na-mula ou sela, corrida dentro do saco, bolinha de gude, pau-de-sebo, perna de-pau, e outros que sejam conhecidos na região e mesmo sugeridos pelas crianças. Lem-

brar que, em São Paulo, o ano passado, na Festa do Papagaio que teve lugar no Ibirapuera, até um vovô trouxe o papagaio que fez para o netinho e muitos pais estiveram presentes para torcer pelos seus filhos.

4. Dividir os alunos em grupos e sugerir trabalhos de pesquisa e de redação sobre temas como êstes: nomes populares de acidentes geograficos e de caminhos da região; denominações populares de bairros; povoados e ruas da cidade, com relatos ligados à formação e desenvolvimento; festas locais e descrição pormenorizada da principal festa desde as origens; tipos populares e suas biografias, incluindo pequenas entrevistas com êle; descrição de uma fazenda tradicional da localidade; registrar casos contados por caçadores e pescadores; relacionar contadores de estórias (narrativa popular), com biografia e exemplos de estórias que contam, na própria linguagem dêles; apelidos usuais, com respectivas razão de ser dos apelidos; nomes populares de animais, cachorros, gatos, etc.; relacionar ditados e quadrinhas usuais na região; fazer o levantamento e a descrição dos diferentes brinquedos de crianças; verificar a existência de grupos folclóricos ou de danças folclóricas e fazer sua descrição; anotar receitas de doces, salgados e bebidas tradicionais na cidade, procurando-as inclusive em velhos cadernos de donas de casa; biografia ou história de vida dos artesões da localidade.

5. BIBLIOGRAFIA

«Manual de Coleta Folclórica», de Renato Almeida, edição da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, do Ministério da Educação e Cultura (rua da Imprensa, 16 - Rio de Janeiro);

«Abecê do Folclore», de Rossini Tavares de Lima, 4.ª edição, Ricordi, São Paulo (Rua Conselheiro Nébias, 773);

«Dicionário do Folclore Brasileiro», de Luís da Câmara Cascudo - edição do Instituto Nacional do Livro.

Sugestões - Comissão Estadual de Folclore e Artesanato

(Conselho Estadual de Cultura) - 1969

Colégio e Escola Normal Estadual «Cap. Narciso Bertolino»

Olímpia - Estado de São Paulo

MARATONA INTELECTUAL FOLCLÓRICA

Ficha de Inscrição

Nome do maratonista:

Data e local de nascimento:

Residência (Estado, cidade, rua e número):

Filiação: Pai:

Mãe:

Denominação do estabelecimento de ensino que representa:

Estado e cidade:

Nível de estudos:

Curso:

Série:

Observações:

.....

.....

Data

.....
Presidente da Maratona

Regulamento

1. O CENE «Capitão Narciso Bertolino», de Olímpia, realizará a de agosto, um certame cultural entre os estudantes dos cursos secundário e normal, visando a despertar nos estudantes o interesse pelo estudo do Folclore.

2. O pedido de inscrição deverá ser dirigida ao presidente da Maratona e somente sera aceito até o dia de agosto, integralmente preenchido o respectivo formulário.

3. Cada estabelecimento de ensino olimpense concorrerá com quantos representantes forem necessários.

5. O processo para selecionar, no estabelecimento, os alunos que o representarão na Maratona, será de livre escolha do diretor.

5. As provas serão formuladas 48 horas antes da sua apresentação, versando sobre os seguintes temas do nosso Folclore:

- a) Artesanato;
- b) Danças, bailados e folguedos;
- c) Música e cantos;
- d) Festas e influências religiosas;
- e) Lendas;
- f) Crendices e superstições;
- g) Cozinha popular.

6. A apresentação das provas, em auditório, obedecerá ao seguinte critério:

- a) Platéia (aplausos)
- b) Comissão Julgadora (10 membros)

7. Às equipes concorrentes que obtiverem as melhores classificações serão conferidos os seguintes prêmios:

.....
.....
8. O CENE «Capitão Narciso Bertolino» fornecerá certificado de participação na Maratona Intelectual Folclórica a todos os concorrentes.

9. Principais fontes de estudos de Folclore:

- a)
- b)
- c)
- d)
- e)

10. As inscrições serão feitas por grupos no CENE «Cap. Narciso Bertolino», no período de a de agosto, das às horas.

11. Maiores informações serão fornecidas no momento da inscrição (duração, valor das provas, participação e apresentação de grupos e prêmios).

.....
Presidente da Maratona

TORNEIO CULTURAL FOCLÓRICO

(para alunos do curso médio)

Instruções Gerais

A — Da Iniciativa

É um certame promovido pelo Departamento de Folclore de Olímpia, através do CENE "Capitão Narciso Bertolino", com a colaboração do Conselho Municipal de Cultura.

B — Dos Objetivos

1. Desenvolver, no aluno de grau médio, o espírito de pesquisa;
2. Servir como meio de transmissão de conhecimentos, ao mesmo tempo que revelador da cultura do povo;
3. Desenvolver o homem, ajudando-o a observar, a refletir, a desenvolver a capacidade de crítica e a de agir.

C — Das Inscrições

1. Serão inscritos, no máximo, 30 (trinta) alunos de cada série dos cursos existentes no estabelecimento;

2. As inscrições são gratuitas e se processam através de fichas próprias;

3. No preenchimento das fichas de inscrição, devem ser observadas as côres que identificam os alunos de cada série, assim discriminadas:

- a) alunos da 1.^a série ginásial - côr verde
- b) alunos da 2.^a série ginásial - côr amarela
- c) alunos da 3.^a série ginásial - côr azul
- d) alunos da 4.^a série ginásial - côr branca
- e) alunos da 1.^a série colegial - côr rosa
- f) alunos da 2.^a série colegial - côr abóbora
- g) alunos da 3.^a série colegial - côr cinza (qualquer área);

No preenchimento das fichas de inscrição, devem ser bem considerados êstes requisitos:

- a) nome do inscrito (com muita clareza)
- b) Série, curso e estabelecimento onde estuda.

D — Das provas de classificação dos alunos

1. Todos os alunos serão submetidos de acôrdo com o grau escolar, a um determinado tipo de prova que contém questões de conhecimentos do Folclore Brasileiro.

2. As questões versarão sôbre as noções básicas dêstes assuntos:

- a) Folias de Reis
- b) Congadas
- c) Moçambique
- d) Cateretê
- e) Capoeira
- f) Dança da São Gonçalo
- g) Caiapós
- h) Jongo
- i) Guerreiros
- j) Fandango

E — Dos prêmios e certificados

1. A Comissão Municipal de Folclore (Conselho Municipal de Cultura), da Prefeitura Municipal, o Departamento de Folclore de Olímpia, o Colégio e Escola Normal Estadual "Capitão Narciso Bertolino" e o Comércio oferecerão prêmios de estímulo aos alunos que obtiverem as melhores classificações;

2. Às escolas e aos alunos inscritos neste torneio, bem como as emprézas que com êle colaborarem e aos membros da Comissão serão oferecidos certificados especiais pelo Departamento de Folclore de Olímpia.

F — Das Despesas

As despesas decorrentes dêste Torneio Cultural correrão por conta do Departamento de Folclore de Olímpia.

G — Das Observações

Os concorrentes devem ser instruídos quanto à obrigatoriedade de serem as provas executadas a tinta e quanto à conveniência de não rasurarem as questões das mesmas:

H — Da realização das provas

As provas serão realizadas no salão-nobre do CENE "Capitão Narciso Bertolino", no dia dia ____ de agôsto (domingo, em obediência ao seguinte horário:

- 1.a série ginásial: das 7 às 8 horas
- 2.a série ginásial: das 8h30min às 9h30min.
- 3.a série ginásial: das 10 às 11 horas
- 4.a série ginásial: das 11h30min. às 12h30min.
- 1.a série colegial: das 13 às 14 horas
- 2.a série colegial: das 14h30min. às 15h30min.
- 3.a série colegial: das 16 às 17 horas.

I — Da Comissão Examinadora

Será indicada uma comissão examinadora para cada turma, composta por dois prof.^{os}, a qual terá por incumbência a fiscalização da prova bem como a correção da mesma. Cada professor receberá o gabarito para a correção.

Modêlo do cartão de identidade

"DEPARTAMENTO DE FOLCLORE"

Olímpia — Estado de São Paulo

Nome do aluno:

Idade

Enderêço:

Name da Escola:

Nome da cidade:

.....
assinatura do aluno

Visto:

.....
assinatura do diretor



Exemplo de prova de conhecimentos folclóricos

Instruções: 1 — Para cada uma das questões há 5 respostas.

2 — Indique com um X a resposta certa.

1 - Jeropiga — bebida alcoólica, feita de suco de fruta, álcool e açúcar é também chamado de:

() pau-a-pique

() cauim

() mistela

() meia-de-sêda

() nenhuma delas.

Etc.

Oficialização do Folclore no Brasil

Diário Oficial da União n.º 157 - 4.ª feira - 18 de agosto de 1965

Decreto n.º 56 747, de 17 de agosto de 1965

Institui o Dia do Folclore

O Presidente da República, usando da atribuição que lhe confere o artigo 87, Inciso I da Constituição, e

Considerando a importância crescente dos estudos e das pesquisas do Folclore, em seus aspectos antropológico, social e artístico, inclusive como fator legítimo para o maior conhecimento e mais ampla divulgação da cultura popular brasileira;

Considerando que a data de 22 de agosto, recordando o lançamento pela primeira vez, em 1846, da palavra FOLK-LORE, é consagrada a celebrar esse evento;

Considerando que o Governo deseja assegurar a mais ampla proteção às manifestações da criação popular não só estimulando sua investigação e estudo, como ainda defendendo a sobrevivência dos seus folguedos e artes, como elo valioso da continuidade tradicional brasileira, DECRETA:

Artigo 1.º - Será celebrado anualmente, a 22 de agosto, em todo o território nacional, o DIA DO FOLCLORE.

Artigo 2.º - A Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro do Ministério da Educação e Cultura e a Comissão Nacional do Folclore do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura e respectivas entidades estaduais deverão comemorar o Dia do Folclore e associarem-se a promoções de iniciativa oficial ou privada, estimulando ainda, nos estabelecimentos de curso primário, médio e superior, as celebrações que realcem a importância do folclore na formação cultural do país.

Artigo 3.º - Revogam-se as disposições em contrário.

Brasília, 17 de agosto de 1965, 144.º da Independência e 77.º da República.

a) Humberto Castelo Branco

a) Flávio Suplicy de Lacerda

Prefeitura Municipal de Olímpia

ESTADO DE SÃO PAULO

Portaria N.º 2137, de 19 de março de 1969

Dispõe sobre a instituição de Concurso «Folclore Brasileiro» para a concessão do prêmio «Dr. Silviano Pinto».

O DOUTOR WILQUEM MANOEL NEVES, Prefeito Municipal de Olímpia, Estado de São Paulo, usando das atribuições que lhe são conferidas por lei,

INSTITUI o Concurso de «Folclore Brasileiro» para a concessão do prêmio Dr. Silviano Pinto, a se realizar anualmente no Município de Olímpia.

A regulamentação para a concessão deste prêmio será organizada pela Comissão Municipal de Folclore (Conselho Municipal de Cultura), da Prefeitura Municipal de Olímpia.

Registre-se e publique-se

Prefeitura Municipal de Olímpia, em 19 de março de 1969

a) Dr. Wilquem Manoel Neves
Prefeito Municipal

Registrada e publicada na Diretoria do Expediente da Prefeitura Municipal de Olímpia, em 19 de março de 1969.

a) Lázaro Roberto Ferreira
Assistente de Direção respondendo pela Diretoria do Expediente

O DIA DO FOLCLORE

As comemorações do Dia do Folclore, em todo o Brasil, associando demonstrações oficiais e privadas, é um testemunho da vitória do movimento que, em 1947, deflagrou a Comissão Nacional do IBECC, no sentido de ser encarado o folclore como motivo não apenas de conhecimento, mas por igual, como elemento de maior importância na continuidade brasileira. O desenvolvimento de seus estudos, nos planos antropológico, sociológico, psicológico e artístico, o destaque dado à obra da gente do povo, para indicar a sua sabedoria e a sua estética, o levantamento dos fatos folclóricos, através de pesquisas e coletas, a preocupação com o aproveitamento do folclore nas escolas, que hoje já é um fato altamente auspicioso, tudo isso mostra o que foi feito. Hoje, o Folclore não é mais um campo exclusivo de especialistas, mas uma parte relevante nos estudos integrados dos cursos primário e secundário.

O apoio dado pelo Governo, criando em 1957, a Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, no quadro do Ministério da Educação e Cultura, e a colaboração de governos estaduais e municipais no mesmo sentido, a atenção que já vêm dando ao problema as Universidades, as entidades privadas que se fundam para o cultivo do Folclore e outras que o incluem em suas atividades, nos abrem caminhos para prosseguir com a maior confiança. Passa-se agora de um esforço de chamar a atenção para a importância da cultura popular, para as esferas especializadas de sua aplicação, sobretudo na educação, no artesanato e na arte popular, no aproveitamento de seus valores na indústria, sem falar na sua projeção na cultura erudita. Já é de muito desses

aspectos se cuidava, mas amadoristicamente, e que importava em lastimáveis deformações ao passo que hoje, respaldados pelos conhecidos que se vão desenvolvendo, é possível fazê-lo com autenticidade, aurindo do gênio do povo, a inspiração e a lição que vêm de suas obras,

Claro que há muito por fazer. A bem dizer, começamos apenas, mas começamos em geral bem, embora o entusiasmo do esforço necessita de um conhecimento científico e de um apoio técnico que temos de aperfeiçoar, mirando-nos nos vários países, que vêm dando à obra de folk toda a importância e toda a intensa repercussão que deve ter,

O folclore conservará vivas as ligações dos países com suas origens, guardará com fidelidade as diretivas primitivas, para que possam ser consideradas na formação cultural, e lhe dêem o traço marcante das suas nacionalidades.

O apoio do Governo Federal, através da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, que vem ampliando suas atividades em todo o território nacional, dentro de um programa que se vai alargando em pesquisas, publicações, cursos e documentação, o esforço das Comissões de Folclore e de entidades consagradas aos estudos da Cultura popular, mostram o empenho do grupo de idealidades que comanda e orienta este movimento. Já podemos medir o caminho percorrido nos últimos vinte e dois anos e verificar que com essa investigação na enciclopédia inculta, de falava mestre João Ribeiro, abre novas entradas à compreensão e à interpretação do Brasil.

RENATO ALMEIDA

Diretor - executivo da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro - M. E. C.

CULTURA, ESPORTES E TURISMO

Resolução de 6 de julho de 1971.

O Secretário de Estado dos Negócios de Cultura, Esportes e Turismo, no uso de suas atribuições.

Considerando o que consta do processo n.º 27356-71 e o parecer favorável do Departamento de Promoção do Turismo, desta Secretaria,

Considerando os termos do Decreto n.º 52842, de 19 de maio de 1971, ao qual se ajusta o evento em questão,

Considerando que o folclore é um dos instrumentos de maior impacto no processo de desenvolvimento turístico, resolve;

Artigo 1.º - Fica oficializado e consi-

derado como "Festividade de Interêsse Turístico" o "Festival de Folclore", realizado em Olímpia, anualmente, durante o mês de agosto.

Artigo 2.º - O Departamento de Promoção de Turismo desta Secretaria, é autorizado a registrar o evento nos seus assentamentos e a incluí-lo no "Calendário Turístico do Estado de São Paulo".

Artigo 3.º - Esta Resolução entrará em vigor na data de sua publicação.

a) Pedro de Magalhães Padilha

Secretário do Estado

(Do Diário Oficial do Estado de São Paulo de 7 de agosto de 1971, página 28).

CONCURSO DE FOLCLORE - 1971

REGULAMENTO GERAL

I - A verificação das soluções poderá ser feita em livros especializados de Folclore, entrevistas e na coleção "FOLCLORE" da Comissão Municipal de Folclore.

II - Cada concorrente, com direito a figurar uma só vez, deverá remeter sua fôlha de soluções datilografadas ou escritas a tinta com letras bem legíveis, juntamente com a cupão, dentro do mesmo envelope destinado ao Departamento de Folclore de Olímpia, anexo ao Colégio e Escola Normal Estadual "Cap. Narciso Bertolino", na Avenida Professora Maria Ubaldina de Barros Furquim, n.º 93 - Jardim Glória.

III - O referido cupão assegurará a cada concorrente o direito de participar do sorteio previsto, desde que as respostas estejam rigorosamente corretas. Compõe-se o presente concurso de 10 (dez) perguntas.

IV - A classificação dos concorrentes far-se-á por sorteio, sendo que serão desclassificados os que não apresentarem as 10 (dez, respostas corretas).

V - O prazo para o recebimento dos questionários terminará a 5 de agosto de 1971.

VI - Será considerado prescrito o direito ao prêmio que não fôr procurado até 30 (trinta) dias após o sorteio,

VII - No dia 10 de dezembro, às 10 horas, no prédio em que o Departamento de Folclore tem sua sede, em sessão pública, realizar-se-á o sorteio dos prêmios, encarecendo-se a presença dos interessados.

VIII - O prêmio somente será entregue à pessoa contemplada ou a seu procurador legalmente habilitado, mediante recibo e apresentação da prova de identidade.

IX - Julgará as respostas dos concorrentes uma Comissão de 4 (quatro) membros, convidados pelo diretor do Departamento de Folclore de Olímpia.

X - A comissão julgadora terá plena liberdade para anular os questionários, cujas respostas estejam incompletas ou erradas.

XI - Aos 50 (cinquenta) primeiros concorrentes sorteados serão coferidos prêmios.

XII - Só serão divulgados os nomes dos concorrentes contemplados com os prêmios.

XIII - Ao Departamento de Folclore de Olímpia reserva-se o direito de resolver os casos omissos deste regulamento.

COMISSÃO JULGADORA

1) Prof. Vtório Sgorlon (Vice-Presidente da Comissão Municipal de Folclore).

2) Prof^a. Palmira Marcelina Degasperri Rodrigues (Membro do Departamento de Folclore de Olímpia).

3) Prof^a. Tereza Coletto de Souza (Membro do Departamento de Folclore de Olímpia).

4) Prof. Jaime de Souza Costa Neves (Membro do Departamento de Folclore de Olímpia)

PRÊMIOS

Do primeiro ao quinquagésimo classificados por sorteio será conferido o prêmio: "Livro ABECÊ DO FOLCLORE" do professor Rossini Tavares de Lima - Ricordi, São Paulo - 4.º Edição".

PREENCHER COM CLAREZA

Concorrente:

Data do nascimento: de de 19

Profissão:

Residência: Rua n.º

CIDADE: ESTADO:

Assinalar com um "X" dentro dos parênteses que precedem a resposta certa:

1.a) O dia do ano dedicado aos Santos Reis é:

- () 1.º de janeiro.
() 3 de janeiro.
() 6 de janeiro.

2.o) As "Folias de Reis", festa do solstício de verão, rememoram:

- () O nascimento do Senhor Jesus.
() A morte do Senhor Jesus.
() A ressurreição do Senhor Jesus.

3.a) Os componentes da Companhia de Santos Reis chamam-se:

- () foliões.
() alferes.
() capitães.

4.a) Na comitiva de Santo Reis, Macuqueiro ou Macuco é a pessoa:

- () que carrega a bandeira.
() que recolhe os donativos (exceto dinheiro).
() que dirige a "folia".

5.a) Quando duas folias se encontram, realizam-se:

- () desafios entre os mestres violeiros.
() desafios de dança.
() desafios de sabedoria entre os palhaços.

6.a) O Folclore é comemorado no dia:

- () 22 de agosto
() 23 de agosto
() 25 de agosto

7.a) A viola caipira paulista tem:

- () três cordas duplas.
() cinco cordas duplas.
() quatro cordas duplas.

8.a) Catira é uma dança caipira também chamada:

- () cateretê
() cururu
() batuque

9.a) "Folia de Reis" é festa:

- () da primavera
() junina
() natalina

10.a) Santo Antônio é protetor:

- () dos violeiros
() dos casamentos
() dos catireiros

Olímpia, de agosto de 1971.

Assinatura



Última foto do
DR. SILVIANO PINTO

“Outorga do título: Cidadão Benemérito de Olímpia”, no dia 23 de maio de 1967.

Nasceu no interior da comarca de Cantagalo (Estado do Rio) em 18 de dezembro de 1885. Formou-se em Direito na Faculdade de São Paulo (Largo São de Francisco). Mudou-se para Olímpia em 1919, exercendo a profissão de advogado. Militou desde moço na imprensa e política. Em 1946 foi eleito vereador e presidente da Câmara Municipal de Olímpia. Romancista, contista, novelista, jornalista, folclorista e poeta. Contemporâneo e conterrâneo do pujante estilista Euclides da Cunha foi um dos seus admiradores. Amigo pessoal e sincero de Monteiro Lobato com o qual manteve correspondência durante muito tempo.

Lutou, incansavelmente, para fazer instalar em Olímpia uma agência do Banco Mercantil de São Paulo, do qual foi o 1.º gerente.

Notabilizou-se também sustentado polêmica, defendendo a existência de petróleo na região.

Tamanha fôra sua convicção em afirmar que em nossa terra havia Petróleo, que conseguiu trazer para cá, a sonda da **Petrobras**

Manteve por muitos anos uma coluna no extinto semanário “Voz do Povo”, denominada “Olímpia de Outrora”, lembrando, assim, os bons acontecimentos do passado. Entusiasmou tanto os agricultores e pecuaristas, pois acreditava demasiadamente no progresso de nossa agricultura e pecuária, que chegou, com um grupo de amigos, a instalar o Sindicato Rural de Olímpia.

Participou da Revolução Constitucionalista de 1932.

Autor de inumeros discursos, revestidos de uma beleza ímpar.

Quanto ao estilo é simples, correto e agradável. Suas poesias são muito apreciadas e de uma beleza incomparável. Paulo Jorge era seu pseudônimo literário.

Dentre suas obras, podemos destacar:

Redimidos (romance premiado em concurso pela Academia Brasileira de Letras); Uma Luz que não se Apagou (homenagem póstuma à sua esposa, Prof.ª Henriqueta Gomes Pinto, editada em 1947). Não editadas ainda: João da Mata (romance de costumes paulistas); A Outra (novela) e alguns contos, dentre eles «Os Dentes da Mucama», publicado em revista cinematográfica e solicitado para filmagem.

Dr. Silviano soube muito bem amar Olímpia e a sua gente, e por isso mereceu da Câmara Municipal, através da Resolução n.º 40/64, de 31-1-1964, o título de cidadão benemérito olimpiense,

Faleceu no dia 18 de fevereiro de 1969, com 84 anos de idade, deixando um grande vácuo nas letras olimpienses e uma lembrança inolvidável na mente de todos nós.

Foi sepultado no Cemitério São João Batista, de Olímpia.

Acêrca do Folclore, assim se expressou:

«O Brasil é também o poeta que canta e morre na flor dos anos, como a cigarrinha no estalo final do seu chilreio pelos franguedos em flor; é o herói humilde e desconhecido que se interna pelas matas, descortinando a golpes de machado e de facão o sombrio das árvores; o cantor sertanejo, tabaréu ou caipira ingênuo, a empunhar a sanfona chorosa ou violão mágico, com a magia de seus acordes, acompanhando suas mágoas em versos simples, à luz dos nossos luares, o contador de histórias inventadas ou verídicas, mas com alma de narrador adestrado.

Dêstes nasceu o FOLCLORE, conjunto de criações em que palpita o espírito engenhoso do nosso pobre patricio, em prosa e verso, aqui ou em todo o mundo onde vive uma população feliz ou desgraçada, porque o narrador é o intérprete do sentimento coletivo nas expansões do prazer ou desventura.»

Biografia coligida pelo Prof. JOSÉ SANT'ANNA



Olímpia e seu Folclore Musical

Melodias folclóricas coletadas pelo

Prof. José Sant'anna

Por ocasião do 6.º Festival do Folclore, no dia 10 de agosto de 1970, às 9 horas, na Prefeitura Municipal de Olímpia, foi lançado o II.º compacto-duplo: «Olímpia e seu Folclore Musical».

Do disco, prensado pelas Gravações Chantecler Ltda., de São Paulo, constam as seguintes melodias:

Lado I

1 - Marido Preguiçoso (moda de viola - recortado)

INFORMANTES: Geraldo dos Santos, de 24 anos de idade e José dos Santos, de 31 anos de idade, residentes na Vila São José - Olímpia.

MARIDO PREGUIÇOSO



1

Marido levanta cedo,
vai na casa de minha avó
Buscá uma espingarda
P'ra matá um jaó
No camim tem cascavel,
Num é, minha véia?
Se mordê fica pió, oi, ai.

2

Marido levanta cedo,
Vai matá uma saracura
Que é p'ra nós i comê ela
Nem que saiba sem gordura
É um bicho dos óio vermeio,
Num é, minha véia?
É um bicho da carne dura, oi, ai.

3

Marido levanta cedo,
Vai armá um mundéu
Aue é p'ra nós pegá um tatu
P'ra fazê dêle um faroféu
É um bicho que fura o chão,
Num é, minha véia?
Quem comê não vai no céu, oi, ai.

4

Marido levanta cedo,
Vai matá um veado,
Que é p'ra nós i comê êle
Nem que saiba ferventado.
É um bicho do pescoço fino,
Num é, minha véia?
É um bicho desconfiado, oi, ai.

5

Marido levanta cedo,
Vai p'ra roça trabaiá
Fazê terra de feijão
P'ra nós fazê um farturão
Se o ano não corrê bem,
Num é, minha véia?
Nóis perde um serviçã, oi, ai.

6

Marido levanta cedo,
Vai p'ra roça trabaiá
Nossos fio tá com fome
Não tem nada p'ra dá.
Nóis quando era sorteiro,
Num é, minha véia?
Só pensava em se casá, oi, ai.

OBSERVAÇÃO: A estrofe n.º 4 não consta da gravação.

Coleta: 8 de janeiro de 1968

Interpretado por Odair Paulo Macedo e Antônio Ferreira Macedo Sobrinho (Fazenda Cachoeirinha - Olímpia). 3'10".

Folia do Divino Espírito Santo



1

O Divino em sua casa, ai, ai,
Esta divina manjestádi, ai, ai. (bis)
Ê, ê, ê, ê, ...

2

Êle salva e pédi oferta, ai, ai.
Vem trazê felicidade, ai, ai. (bis)
Ê, ê, ê, ê, ...

3

Gardecêmu a rica oferta, ai, ai.
Nesta bençoada hora, ai, ai. (bis)
Ê, ê, ê, ê, ...

4

A bandeira vai s'imbora, ai, ai.
As fita vai avoando, ai, ai. (bis)
Ê, ê, ê, ê, ...

5

Avoando vai dizendo, ai, ai.
O adeus até outro ano, ai, ai. (bis)
Ê, ê, ê, ê, ...

Interpretado pela Companhia Miranda
(Vila São José - Olímpia) - 3'31"

Mestre: Antônio Miranda Sobrinho (35 anos).
Contra-mestre: Luís Batista de Carvalho (34 anos).
Ajudante de contra-mestre: (pandeiro): João Marques Miranda (56 anos).

Contralto (viola): Luís Miranda (19 anos).
4ª voz: Jesus Francisco de Miranda (58 anos).
5ª voz: José Donisêti de Miranda (13 anos).
6ª voz (tala): Paulo César de Miranda (11 anos).
Violino: Nélson A. Tremura (38 anos)
Viola: Odair Paulo de Macedo (28 anos)
Violão: Antônio Ferreira Macedo Sobrinho (26 anos).
Acordeão: José Basso (32 anos).
Caixa: Joaquim Alves Miranda (60 anos).

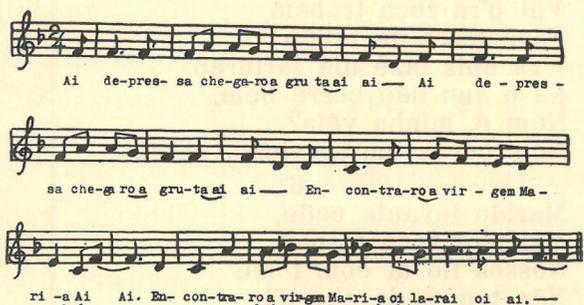
Data da coleta: 14 de maio de 1967.

Lado II

1 - Folia de (Louvação dos Arcos).

I-1

FOLIA DE REIS



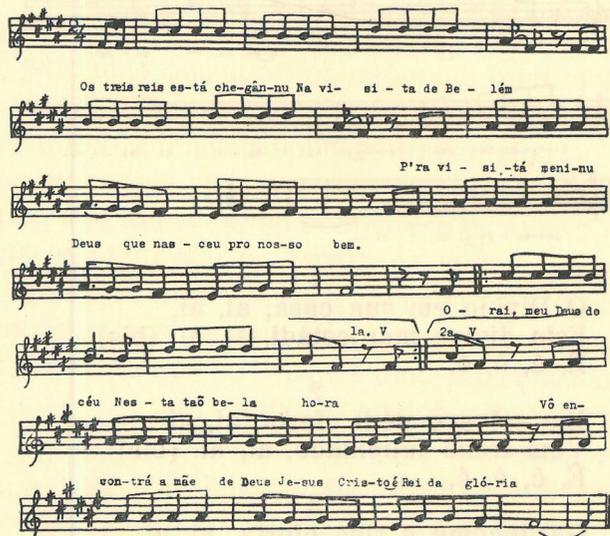
Ai de-pres- sa che-ga-roa gru-ta ai — Ai de - pres -
sa che-ga-roa gru-ta ai — En- con-tra-roa vir - gem Ma -
ri - a Ai Ai. En- con-tra-roa vir-gem Ma-ri-a oi la-rai oi ai. —

Ai depressa chegare à gruta, ai, ai. (bis).
Encontraro a Virgem Maria, ai, ai. (bis).
Oi, larai, oi, ai.
Repete-se com côro.
Ai os treis reis se ajoelharo, ai, ai. (bis).
Ai na frente de Deus Messias, ai, ai. (bis).
Oi, larai, oi, ai.
Repete-se com côro.

I-2

Folia de Reis

Louvação dos Arcos



Os treis reis es-tá che-gân-nu Na vi- si - ta de Be - lém
P'ra vi - si - tá seni-nu
Deus que nas - ceu pro nos-so bem.
O - rai, meu Deus do
céu Nes - ta tão be - la ho-ra Vô en-
won-trá a mãe de Deus Je-sus Cris-tóf Rei da gló-ria

Os treis reis está chegado (bis).
Na visita de Belém.
P'ra visitá menino-Deus,
Que nasceu p'ra nosso bem.
Orai, meu Deus do céu
Nesta tão bela hora. (bis).
Vô encontrá a mãe de Deus
Jesus Cristo é u rei da glória
Ê, ê, ê, ê, ...

Companhia Miranda (Vila São José - Olímpia)
3' 50"

Mestre: (cavaquinho): José Augusto de Miranda (64 anos).
Contra-Mestre: (viola): Luís Batista de Carvalho (34 anos).

Ajudante de contra-mestre: (pandeiro): João Marques Miranda (56 anos).
Contralto: (viola): Luís Miranda (19 anos).
4.a voz: Antonio Miranda (17 anos).
5.o voz: José Donisete de Miranda (13 anos).
6.a voz: (tala): Paulo César de Miranda (11 anos).
Violino: Nélson A Tremura (38 anos).
Bandolim: Onofre Miranda (31 anos).
Viola: Odair Paulo de Macedo (28 anos).
Violão: Antônio Ferreira Macedo Sobrinho (26 anos).
Caixa: Joaquim Alves Miranda (60 anos).

Coleta: 6 de janeiro de 1965.

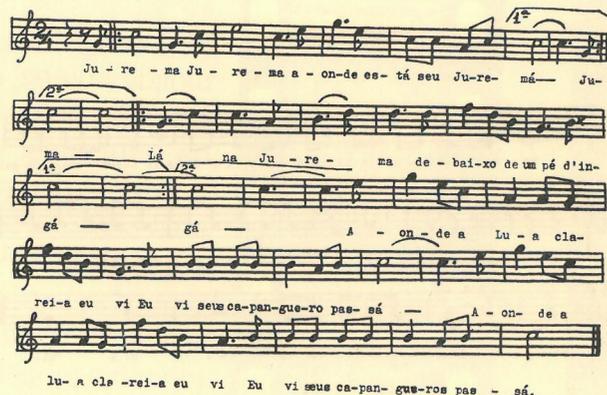
2 - Pontos de Jurema

(interpretados por 6 umbandistas - adulto se meninos do sexo masculino, tendo como ogam (tocador de atabaque) o Sr. Dorival Ramos de Oliveira. Tenda de Umbanda «Caboclo Jaguaré e Pai Benedito da Cruz Vermelha».)

Jardim Santa Ifigênia - Olímpia - 1'45".

II-1

JUREMA



Ju - re - ma Ju - re - ma a - on-de es- tá seu Ju-re- má - Ju-
ma - na Ju - re - ma de - bai-xo de um pé d'in-
gá - gá - A - on - de a Lu - a cla-
rei-a eu vi Eu vi seus ca-pa-n-gue-ro pas-sá - A - on - de a
Lu - a cla - rei-a eu vi Eu vi seus ca-pa-n- gue-ros pas - sá.

Jurema, Jurema

Aond' está seu juremá (bis)

Lá na Jurema,
Debaixo de um pé d'ingá. (bis)

Aonde a Lua clareia, eu vi.
Eu vi seus «capanguero» passá. (bis)

II-2

Meu passarinho azulão



meu pas-sa-ri-nho a-zu- lão É-le a - vo-a e não po- sa no
chão O chão Oi que lin-da ca - bo-cla Ju - re-ma sai- o - te de
pe-na bo-do-que na mão. Oi que lin-da ca - bo- cla Ju -
re-ma sai- o - te de pe- na bo - do - que na mão.

O meu passarinho azulão,
Êle avoa e não posa no chão. (bis)

Oi, que linda cabocla Jurema
Saiote de pena, bodoque na mão. (bis)

Coleta: 12 de setembro de 1969.

A contracapa dêste pequeno disco foi escrita pelo Prof. Victório Sgorlon, vice-presidente da Comissão Municipal de Folclore - Olímpia.

«Quando fui convidado pelo professor José Sant'anna para escrever esta contracapa, fiquei até mesmo preocupado, pois é difícil falar a respeito de quem já é de todos conhecido.

Falar que êle é um olimpiense apaixonado é uma redundância, pois estaria perpetrando vício de linguagem.

Conheci o José Sant'anna em sua meninice e soube verificar os recursos de cortesia e bondade.

Conheci-o nas salas de aula, êle menino e eu adulto; acompanhei-o nos estudos, êle aluno e eu professor; aconselhei-o sempre, êle nôvo e eu experimentado. E assim estamos juntos em longo prazo de trabalho.

Distingue-se êste môco pelo dinamismo em todo o campo de trabalho. É amigo da juventude e para ela é Modêlo.

Credenciado e entendido é um dos grandes zeladores de Folclore Brasileiro.

Aproveita o mínimo de seu descanso das inúmeras responsabilidades que lhe são atribuídas para pesquisar o folclore.

E, juntos estudamos esta ciência e nela temos bons anos de frutescente cooperação.

Preside os Festivais de Folclore os quais já levaram Olímpia a receber, e com toda a razão, o título de «Capital Paulista do Folclore», e os preside diligentemente com acêrto, singularidade, correção e agrado.

Estamos no mês de agosto e nêle comemoramos o VI Festival do Folclore. O lançamento dêste segundo compacto-duplo, prensado pela Chantecler: «Olímpia e seu Folclore Musical», marcará perseverantemente esta efeméride.

Por esta razão, Olímpia é grata a Sant'anna pelo que é e faz, pelo que oferece e aplica, generosamente, de sua inteligência, de seus dons, do seu tempo, de sua cultura e influência, felizmente, em prol do Folclore.

Ilustra a capa dêste compacto a foto da Companhia de Santos Reis do Jardim Paulista (Olímpia), cujo gerente é o Sr. Celso Fernandes.

CONCURSO «FOLCLORE BRASILEIRO»

Para obtenção do prêmio Dr. Silviano Pinto - 1971

REGULAMENTO

1 - Sob o patrocínio da Comissão Municipal de Folclore (Conselho Municipal de Cultura), da Prefeitura Municipal de Olímpia, nos têrmos da Portaria 2137, de 19-3-1969, fica instituído um concurso, de âmbito regional de Folclore, destinado a alunos do nível secundário e normal de estabelecimentos oficiais e particulares de ensino, para a obtenção do prêmio «Dr. Silviano Pinto».

2 - O referido prêmio destina-se a servir de estímulo aos jovens no estudo e na pesquisa do Folclore Brasileiro.

3 - Os cinco primeiros colocados receberão os seguintes prêmios:

- 1.º lugar: Cr\$ 500,00 — Prêmio «Silviano Pinto».
- 2.º lugar: Cr\$ 250,00
- 3.º lugar: Dicionário de Folclore - 2 volumes (Casculo).
- 4.º lugar: Coleção de 8 livros - Lendas Brasileiras.
- 5.º lugar: Coleção de livros folclóricos - Prof. Rosiní Tavares de Lima.

4 - Poderá a Comissão Julgadora indicar, além dos premiados, o número de menções honrosas que lhe parecer necessário.

5 - Os trabalhos premiados e os distinguidos com menção honrosa passarão a pertencer à Comissão Municipal de Folclore, que os divulgará e publicará a seu inteiro critério.

6 - Cada trabalho, que deverá ser INÉDITO, terá o mínimo de 15 e o máximo de 30 páginas datilografadas em espaço dois.

7 - Os alunos poderão, na feitura do trabalho, ter a assistência dos folcloristas olimpienses.

8 - Os concorrentes assinarão seu trabalho com nome completo e indicarão o nome do estabelecimento de ensino em que estudam, série e curso, bem como enderêço pessoal.

9 - Os trabalhos serão remetidos para a sede da Comissão Municipal de Folclore, na Prefeitura Municipal.

10 - Os trabalhos serão remetidos em duas vias e virão com páginas numeradas.

11 - O recebimento dos originais se fará no período de 15 de junho a 15 de julho de 1971.

12 - A Comissão Julgadora se comporá de três professores pertencentes ao Departamento de Folclore de Olímpia.

13 - O Prefeito Municipal, presidente do Conselho Municipal de Cultura, fará entrega dos prêmios, em cerimônia solene a ser realizada no Festival do mês de agosto.

14 - A remessa de trabalhos significará aceitação por parte do concorrente, de todos os itens do presente regulamento.

15 - O não cumprimento de qualquer item implicará na não inscrição do candidato ou, caso só venha êsse cumprimento a ser conhecido depois de inscrito o trabalho, ou mesmo depois de premiado, será êle desclassificado.

16 - Os casos omissos neste regulamento serão resolvidos pela Comissão Municipal de Folclore.

17 - A Comissão Julgadora devolverá os originais dos trabalhos que não forem premiados ou distinguidos com menções honrosas na semana seguinte à divulgação do resultado.

18 - Ao escrever seu trabalho, cada concorrente é livre na escolha do tema folclórico.

Olímpia, janeiro de 1971

a) José Sant'anna

presidente da Comissão Municipal de Folclore



Danças Folclóricas Brasileiras

Prof.^a Maria Aparecida de Araújo Manzolli

Não vai longe o tempo em que os problemas educacionais eram considerados quase exclusivamente pelo lado intelectual.

É isso que é evidente, constituía uma falha. A educação compreende aprimoramento físico, intelectual e moral a um só tempo. Dentre os meios de que dispõe a educação, para chegar a êsses resultados estão os exercícios físicos e os mais completos se representam pela dança. E, portanto, a dança entre as atividades físicas, é uma contribuição acentuada para o aperfeiçoamento integral do ser humano.

Valor Físico - É inegável que contribui para o desenvolvimento físico. Melhora as funções circulatória, respiratória, digestiva, aperfeiçoa o sistema muscular e nervoso.

Valor Moral - A dança aperfeiçoa o domínio de si mesmo, a iniciativa, o entusiasmo, a perseverança, o cavalheirismo, o senso de ordem, o espírito de solidariedade, a cooperação e ainda a disciplina.

Valor Mental - a atenção, imaginação, memória e raciocínio são exercitados e desenvolvidos na dança.

Valor Social - Quando realizada em conjunto a dança favorece as tendências sociais, as relações pessoais. No seu decorrer, ou durante o seu preparo, há oportunidade para o início ou estreitamento de amizades.

Valor cultural - A dança é uma forma de comunhão cultural transmitindo idéias e costumes de uma geração à outra, sobretudo nas formas folclóricas.

Valor Recreativo - A dança oferece movimentos de verdadeira recreação, não só pela satisfação que a sua prática proporciona, como pelo papel mitigador de aliviar tensões.

Valor Terapêutico - Os psicanalistas depois de devassarem o inconsciente dos pacientes, procuram sublimar as tendências que não podem ser realizadas, por duas terapêuticas: a terapêutica pelo trabalho ou Ergoterapia e pela recreação ou Ludoterapia. É neste último que a dança deve ser incluída.

Passaremos a descrever, agora, algumas danças, impregnadas do verdadeiro sabor crioulo do Rio Grande do Sul e que são legítimas expressões da alma gauchesca.

1.a dança - "Pèzinho"

Pèzinho muito popular em Portugal e nos Açores veio gozar de intensa popularidade no litoral dos Estados brasileiros de Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

2.a dança - "Rilo"

O Reel originou-se na Escócia. Tem como características as evoluções em forma de 8 que os dançarinos realizam. O Reel foi traduzido para Rilo.

3.a dança - "Caranguejo"

O Caranguejo foi popular no Brasil todo. Dêle há referências desde o século XIX. Sua larga difusão no Rio Grande do Sul é aquilatável pela constância com que surge a letra e a música,

em todo o Estado.

4.a dança - "Balaio"

O Balaio é brasileiro da gema e vem do Nordeste. Do ponto de vista musical guarda nitidamente a função dos nossos velhos lundus que criaram no nordeste do Brasil o baião ou baiano.

5.a dança - "Rancheira de Carreirinha"

É uma variante bastante simples da Rancheira. Quando se inicia o canto ocorre a figura característica dessa dança.

6.a Dança - "Cana-Verde"

A "Cana-Verde", chegou de Portugal e se tornou popular em vários Estados brasileiros. Naturalmente foi adquirindo cores locais em cada região e desta forma produzindo variantes da dança de origem,

7.a Dança - "Pau-de-Fitas"

Nenhuma dança, como o Pau-de-Fitas, pode merecer com tamanha propriedade, o nome de "dança universal", pois a dança de fita parece surgir de todos os lados e de todos os povos.

8.a Dança - "Pericom"

Surgiu na Prata na 1.a metade do século passado. Hoje o "Pericom" não mais constitui genuína dança popular. No Uruguai e Argentina passou a ser dança culta ensaiada, com faros de significação cívica, chegando assim ao Brasil ou mais propriamente ao Rio Grande do Sul.

9.a Dança - "Chotes"

A dança "Schottish" veio se fixar em 1905 no Rio Grande do Sul. Amoldou-se à instrumentação típica e assim surgiu uma nova criação: o chotes.

10.a Dança - "Dança dos Facões ou Faca Maruja"

Dança recolhida na região do planalto nordeste do Rio Grande do Sul, registrada especialmente em Caxias do Sul e Vacaria.

11.a Dança - "Chula"

A Chula é uma dança em desafio. Neste aspecto aproxima-se do Molambo dos platinos. É pelo seu caráter de dança de habilidade por sobre uma hasta de madeira, aproxima-se de certas danças brasileiras de fundo ginástico, como os moçambiques.

12.a Dança - "Dança do Bambu"

É uma dança de coreografia muito curiosa. Os dançarinos se movimentam ao som rítmico das batidas dos bambus. Esta dança tem sua origem na América Central, sendo difundida no Brasil no Estado da Bahia e atualmente no de São Paulo.

13.a Dança - "Catira"

Catira (ou cateretê) é dança rural do sul do país, conhecida em São Paulo desde os tempos coloniais. O nosso primeiro mestre, José de Anchieta, achava-a profundamente honesta, desde que podia até ser dançada por mulheres. É de origem indígena e consta de elementos fixos, variando a música e a coreografia. Evolucionam ao som de palmas e bater de pés, guiados pelos violeiros que dirigem a dança,

Obras consultadas: 1 - Danças Folclóricas Brasileiras de M. Amália Gifoni - 2 - Manual de Danças Gaúchas, de Barbosa Lessa e Paixão Côrtes.

EDUCAÇÃO MUSICAL

Unidade: O FOLCLORE

I — Conteúdo

A — Trabalho em grupo

- Formação da música brasileira (integração com Geografia)
- Origem do Folclore (integração com Português)
- Característica do folclore com apreciação musical
- Importância do Folclore
- Conceito de Folclore

B — O Bairro na Cidade

- Levantamento Folclórico do artesanato (integração com Geografia, História e Português)
- Banda musical
- Danças típicas folclóricas
- Levantamento do estudo dos instrumentos musicais das Folias de Reis, do Divino, de São Sebastião, Catira, Escola de Samba e Sessões de Umbanda)
- Músicas folclóricas relacionadas à religião, ao trabalho, a crítica política, aos pregões de rua, à mesa e bebida, etc.

II — Técnicas

- Levantamento estatístico das preferências musicais folclóricas da família no bairro (integração com História e Geografia)
- Apreciação musical dos temas folclóricos
- Confeção de trabalhos (integração com Português)
- Trabalho em grupo
Interpretação das letras das melodias folclóricas (integração com Português e História)

III — Conceitos

- Raça - herança musical
- Audição, apreciação e integração musical folclórica
- Conceito de Folclore
- Diferença entre música erudita, popular e folclórica

Outras atividades da Educação Musical

Através de campanhas estudantis podem ser adquiridos o gravador, a vitrola e demais instrumentos necessários.

Incentivo aos Concursos de Folclore

Todos os alunos devem ser orientados para a participação nos concursos. Sílvio Romero (da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro), Mário de Andrade (da Discoteca Pública Municipal, da Prefeitura de São Paulo) e concursos do Departamento de Folclore e Comissão Municipal de Folclore - Olímpia.

Audição de Discos e Fitas

Aconselham-se os discos (parte do folclore), gravados pelas cantoras Ely Camargo e Inesita Barroso e as fitas gravadas pela Comissão Municipal de Folclore e Departamento de Folclore.

Este planejamento é apenas uma sugestão especialmente para a região de Olímpia. Com base nos assuntos planejados, o professor organizará o seu plano de unidade, que não pode exceder a 4 aulas.

Banda Rítmica - Melódica (Temas Folclóricos)

É muito importante a organização de uma Bandinha Rítmica e Melódica com os alunos da 1.ª série ginasial.

Para a realização desse trabalho indi-

camos a obra "Música e Percussão" - canções instrumentadas para a Banda Rítmica de Adelina Santos Barreto - Irmãos Vitale Editores.

As canções folclóricas são o ponto de apoio da autora.

Museu didático (Dedicado ao Folclore)

Após os trabalhos de entrevistas e pesquisas os alunos devem ser orientados no sentido de recolher o material para a criação de um Museu Pedagógico.

Apetrechos populares brasileiros, objetos usado em danças e festas populares (instrumentos de música, ex-votos e objetos diversos) devem constar do Museu.

Biblioteca (Livros Folclóricos)

É de bom alvitre a organização de uma pequena biblioteca de livros folclóricos.

Discoteca

Também se torna indispensável a instalação de uma discoteca especializada de Folclore.

Curso de Danças Folclóricas

(atividades extraclasse)

Para o ensino de danças aconselham-se as seguintes obras: Manual de Danças Gaúchas (com suplemento manual e ilustrado), de Paixão Côrtes e Barbosa Lessa - Irmãos Vitale Editores. Danças Folclóricas Brasileiras, de Maria Amália Correa Giffoni - Edições Melhoramentos.

Obras que devem ser consultadas para a organização do planejamento de música:

Abecê do Folclore, de Rossini Tavares de Lima, Ricórdi - São Paulo; Folguedos Populares do Brasil, de Rossini Tavares de Lima - Ricórdi - São Paulo; Folclore de São Paulo, de Rossini Tavares de Lima - São Paulo; Brindes Cantados do Folclore Brasileiro, Padre José Geraldo de Souza - Irmãos Vitale Editores.

Nossos Avôs Contavam e Cantavam... (ensaios folclóricos e tradições brasileiras), de Angélica de Rezende - Gráfica Editôra Sion S/A - Belo Horizonte).

Músicas folclóricas para as escolas

- 1 - Teresinha de Jesus
- 2 - Ciranda, Cirandinha
- 3 - Acordei de Madrugada
- 4 - Tutu Marambá
- 5 - Bam-ba-la-lão
- 6 - Sapo Jururu
- 7 - A pobre e a rica
- 8 - Giroflê
- 9 - Escravos de Jó
- 10 - Anquinhas
- 11 - Entrei na roda
- 12 - Pombinha Rolinha
- 13 - Nesta Rua
- 14 - Gatinha parda
- 15 - Ponte de Vinhaça
- 16 - Carneirinho, carneirão
- 17 - Caranguejo
- 18 - Vamos maninha
- 19 - Vamos maninha a barca virou
- 20 - A canoa virou
- 21 - Capelinha de Melão
- 22 - Pai Francisco
- 23 - O cravo brigou com a Rosa
- 24 - Sinhania
- 25 - Vai abóbora
- 26 - Vestidinho branco
- 27 - A roseira
- 28 - Margarida
- 29 - Candieiro
- 30 - Samba-lê-lê
- 31 - Machadinha
- 32 - A carrocinha
- 33 - Na chaminé
- 34 - Eu era assim
- 35 - Cravo branco na janela
- 36 - Pomba roleta
- 37 - Eu cholé, chole-lá
- 38 - Sinhá marrecá
- 39 - Eu pisei na barca velha
- 40 - O boi Barroso
- 41 - Meia canha
- 42 - Se fôsse um peixinho
- 43 - Pão, pão, pão
- 44 - A bela pastora
- 45 - Côco de milha
- 46 - São João Dararão
- 47 - Lavadeira
- 48 - Periquito maracanã
- 49 - Engenho novo
- 50 - Peixe vivo
- 51 - Vai, vai, vai
- 52 - Pèzinho
- 53 - Folhinha do coqueiro
- 54 - Na mão direita
- 55 - Rebola chuchu
- 56 - O baú
- 57 - Seu Joaquim
- 58 - O café
- 59 - Segunda-feira eu vou à vila
- 60 - Cravo brilha
- 61 - Este mundo é uma bola
- 62 - Rolinha voou
- 63 - Tim-tim
- 64 - Rosa amarela
- 65 - O sapo morreu
- 66 - Bacalhau feijão.

(Do livro: Música na Escola Primária MEC)

LEVANTAMENTO DE DADOS SÔBRE ARTESANATO FOLCLÓRICO

NOME:
 ENDEREÇO:
(rua, n.º, bairro e cidade)

Idade: anos Sexo:
 Nacionalidade: Profissão:

FAZ A MÃO TRABALHOS DE:

BARRO	MADEIRA, CHIFRE, CERA, MIOLO DE PAO, PAPEL	BAMBU OU TAQUARA, TABOA OU PIRI, PALHA DE MILHO, CIPÓ E OU- TRAS FIBRAS VEGETAIS	COURO E SEDENHO <small>(crina ou fio de rabo de cavalo)</small>	FIO DE ALGODÃO	OU, AINDA, quem faz: <small>(especificar o material usado)</small>
panelas	bonecos	céstos	selas	tecidos p/	flôres
potes	figuras	abanos	rêdeas	roupas	artificiais
vasos	santos	chapéus	chicotes	colchas	colares
bonecos	cabos de rélho	galolas	laços	coxonilhos	brincos
figuras de	gamelas	armadilhas	cabrestos	tapêtes	berloques
presépio	plões	estelras	rabiço	rêdes	pulseiras
santos	violas	rêdes	botas	anéis
pitos ou	tambores	peneiras	alianças
cachimbos	colheres
.....	carroças	bordados
.....	carros de bol	crochês
.....	máscaras	nhanduti	recortados de papel p/
.....	rendas	enfeitar prateleiras ou me-
.....	abrolhos	sas de doce
.....	amarrilhos	pinturas ou desenhos (em
.....	rêdes de pescar	bandeira de santo, p. ex.)

OU QUEM, SOZINHO, OU COM POUÇOS AJUDANTES TRABALHA NO

OFICIO DE:	FABRICO DE:
ferreiro	Farinha de milho
seleiro	fubá
funileiro	farinha de mandioca
sapateiro	cachaça
serralheiro	(produção de engenhoca)
cordoeiro
tanoeiro
fogueteiro
doceiro ou doçaria	feitura de fumo
.....
.....

Outras anotações de interesse:

.....

Observações:

Imp. Serv. Gráf. SCKET

N.º de Ordem

.....

N.º de Série na região

.....

Museu de Artes e Técnicas Populares

Critério Geográfico de Classificação do Acervo

NOME:

Material de que é feita:

Dimensões:

Utilidade ou função:

Onde foi feita:

Quem a fez:

Quem por último a possuiu:

Data da colheita:

Local da colheita:

Forma de aquisição (preço): (.....)

Nome do coletor:

Data da classificação:

Nome do classificador:

Os organizadores desta Edição Especial contam com a compreensão e a tolerância dos leitores para com não poucos erros, lapsos e omissões que infelizmente não puderam ser evitados, dada a exiguidade de tempo (5 dias) com que foram compostos e impressos os textos desta publicação.

Tiragem: 5000 exemplares

Diário do Executivo — Governo do Estado

Decreto n.º 48 310, de 27 de julho de 1967

Institui o MÊS DO FOLCLORE, e dá outras providências...

ROBERTO COSTA DE ABREU SODRÉ,
Governador do Estado de São Paulo, usando das atribuições legais,

Considerando que desde 1960, por iniciativa de diversas entidades culturais, vem sendo comemorado em São Paulo o «Mês do Folclore», em agosto, visando divulgar, estudar e pesquisar os fatos da cultura popular brasileira, e despertar o interesse, especialmente dos jovens para a ciência do folclore;

Considerando que, o Congresso Internacional de Folclore, reunido em Buenos Aires, Argentina, em dezembro de 1960, aprovou proposta do Brasil no sentido de o mês de agosto ser considerado o «Mês do Folclore»;

Considerando que, nos termos da proposta, aprovada no referido conclave, esse mês deve ser destinado à «prática e à difusão de conhecimentos relativos ao folclore»;

Considerando que, o mês de agosto foi escolhido para essas realizações culturais em vista de a palavra «Folclore» ter surgido em 22 desse mês em 1846, data comemorada universalmente como o «Dia do Folclore».

Considerando que o poder Público não deve ficar indiferente à difusão e à defesa do do folclore, pelo que ele representa como espelho da alma popular, e amálgama de conhecimentos e práticas que contribuem inclusive para fortalecer os laços da comunidade, da Nação e da fraternidade humana.

DECRETA:

Artigo 1.º — Fica instituído, no Estado de São Paulo, o mês de agosto como o «Mês do Folclore»;

Artigo 2.º — O programa dos festejos comemorativos do mês de folclore, anualmente renovado, será elaborado por uma comissão constituída pelo Secretário do Estado dos Negócios do Governo.

Parágrafo 1.º — Sempre que possível, deverão ser incluídos nesses atos comemorativos, participação dos museus folclóricos das demais unidades da Federação, notadamente do Norte e do Sul do país.

Parágrafo 2.º — Deverão igualmente participar dessas festividades, que poderão compreender, além das solenidades externas, de caráter popular, representações, aulas, palestras, conferências e cursos sobre os temas folclóricos, as entidades regionais que cultuam as tradições folclóricas paulistas.

Artigo 3.º — O Departamento de Educação, da Secretaria de Educação, em entendimentos com a Comissão instituída pela Secretaria do Governo, disciplinará a participação da escola pública nessas comemorações, em todo o Estado.

Artigo 4.º — A Comissão expedirá certificados de participação, com direito a pontos em concursos públicos do magistério, aos professores que mais se destacarem na realização das comemorações patrocinadas pelo Departamento de Educação.

Artigo 5.º — Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Palácio dos Bandeirantes, 27 de julho de 1967.

ROBERTO COSTA DE ABREU SODRÉ
JOSÉ FELICIO CASTELLANO
ANTONIO BARROS DE ULHOA CINTRA

Publicado na Diretoria Geral da *Secretaria de Estado dos Negócios do Governo, aos 27 de julho de 1967.

DOMINGOS LICCO
Diretor Geral Substituto

(Transcrito do Diário Oficial de 1.º de agosto de 1967.

*Hoje: Secretária de Estado dos Negócios da Cultura, Esportes e Turismo.

Registro dos Folguedos e Festas Populares

Cidade: Mês Ano:

Setor de Folclore — Ficha de Cadastro

Evento: Modalidade:

Data ou época: Móvel:

Fixa: Eventual:

Promotor: Oficial:

Particular:

Responsável:

Enderêço:

Histórico:

Observações:

Banco Antônio de Queirós S/A

Cumprimenta o povo da encantadora e hospitaleira cidade «menina-môça», desejando-lhe dias felizes no transcorrer da semana que comemora o 7.º FEFOL — uma festa de amor ao Brasil e às suas coisas.

A Prefeitura Municipal de Olímpia expressa seu louvor à Comissão de Folclore, pela organização e promoção do 7.º Festival, que, a par de seu sentido patriótico e cultural, reveste-se de apreciável cunho turístico-social.

Parabéns, pois, a todos que direta ou indiretamente participaram desse empreendimento, que tanto destacará Olímpia no cenário brasileiro, além de distinguir aquêle a quem é especialmente tributado: o POVO!

Capital do Folclore, em 9 de agosto de 1971

a) WILQUEM MANOEL NEVES

Prefeito Municipal

○ Banco Comercial Brasil S. A.

Saúda Olímpia no seu 7.º Festival de Folclore

No 7.º Festival de Folclore de Olímpia o nosso Banco entra na festa da cidade. E saúda Olímpia, por reviver em nossos corações tôda a beleza das festas, danças e costumes de nosso povo, que fazem a grandeza das tradições paulistas.

Um ato de louvor à Comissão Municipal de Folclore pela organização e direção do seu 7.º Festival. Cada vez se torna mais interessante o Festival de Folclore de Olímpia, merecendo ser apreciado por todos quantos têm os olhos voltados para a cultura popular do país.

Unamo-nos em tôrno dêste Festival, que sem nenhuma dúvida, é o maior evento de interesse turístico de Olímpia, que se reveste de caráter patriótico e de um sentido profundamente cristão.

União de Bancos Brasileiros S. A.

OLÍMPIADA DE BRINQUEDOS TRADICIONAIS

O Colégio e Escola Normal Estadual «Capitão Narciso Bertolino», organiza anualmente, um Festival para a garotada, estudantes de qualquer nível dos estabelecimentos de ensino.

Este festival faz parte das comemorações do Mês do Folclore e é oficializado pela Comissão Municipal de Folclore (Conselho Municipal de Cultura), da Prefeitura Municipal.

Para participar deste Festival é necessário que o candidato seja estudante do curso primário ou secundário e tenha no máximo 15 anos.

Cada participante está obrigado ao regulamento, organizado de acordo com a opinião dos meninos que conhecem todas as modalidades de brinquedos.

São escolhidos apenas os brinquedos existentes entre a criançada do município de Olímpia.

Dentre as diferentes práticas, apontamos as seguintes:

1 - Bodoque; 2 - Bolinha de gude; 3 - Briga do sabugo; 4 - Cabra cego; 5 - Cobra cega; 6 - Corrida da perna de pau; 7 - Corrida dentro do saco; 8 - Corrida do ovo na colher; 9 - Corrida dos pneus; 10 - Empinar papagaio; 11 - Estilingue; 12 - Esvaziamento de garrafa d'água; 13 - Jôgo da Rôlha; 14 - Jôgo de bétia; 15 - Jôgo de malhas; 16 - pau-de-sebo; 17 - Pega-porco; 18 - Peteca; 19 - Pôr o rabo no burro; 20 - Pular corda; 21 - Quebra-pote; 22 - Rodar arco; 23 - Rodar pião.

A principal atração (até mesmo para adultos) é o torneio de EMPINAR PAPAGAIOS.

Há diversos tipos de papagaios: pipa ou maranhão, raia ou cartola, caixa, quadrado, estrêla, losango ou comum, periquito e águia, que aos ventos das manhãs de agosto, aos milhares, enfeitam o céu da cidade de Olímpia.

É uma festa de côres, de vibração, de entusiasmo, que só a criança, com sua sensibilidade apaixonante, pode oferecer.

Festival de «soltar papagaios»

Soltar «papagaio» não é considerado um jôgo, mas sim um brinquedo no qual impera o egoísmo.

Cada concorrente quer fazer o melhor, maior ou mais bonito papagaio e também galgar mais altura.

MATERIAL: papel (de preferência de sêda impermeável), varetas de bambu, modestamente lixadas, flexíveis e cola.

Existem várias formas de papagaio. As mais populares em nossa região são: o quadrado (simples), a cartola ou o barrilete (forma octogonal, confeccionado com quatro varetas trespassadas ao meio do papel).

Pode-se colar a cauda, prêsas pelas duas extremidades na parte inferior do barrilete.

O enfeite é feito à vontade. A cartola não tem cauda, sendo de maior tamanho e de forma de um losango ou quadrado com a vareta transversal bem vergada.

TÉCNICA: Campo aberto, papagaio em punho, uma lata de tamanho regular com dois ou três carretéis de linha. A lata da linha deverá ser de tamanho médio para facilitar a soltura ou o enrolamento da linha.

É claro que não pode faltar vento, mas também é importante que não o haja em excesso. Se o vento estiver fraco, o papagaio não subirá e, se forte demais, correrá o risco de romper a linha.

Disputa

Ganha o participante que melhor e mais rapidamente empinar o papagaio. O fator altura é o principal na competição, no entanto, as regras são livres, dependendo do trato a ser firmado antes do início da peleja.

Modêlo da Ficha de Inscrição

Olimpíada de brinquedos tradicionais

Concorrente:

Idade: Sexo:

Série e curso:

Estabelecimento que frequênta:

Brinquedo:

Residência:

Classificação:

Visto da Comissão

Data

Ass. do participante

OBSERVAÇÕES: Para cada modalidade de brinquedo preencher uma ficha. Para estímulo da garotada é importante a distribuição de prêmios aos primeiros classificados.

TELEGRAMA:

À Comissão Municipal de Folclore da Prefeitura de Olímpia

Causou-me excelente impressão subsídios apresentados a esta Secretaria relativos ao Festival de Folclore local, cuja documentação foi a primeira a satisfazer integralmente às exigências do Decreto 52842/71, pertinente à matéria.

Congratulo-me com Vossa Excelência pelos cuidados dedicados ao desenvolvimento turístico, que acabo de ratificar através da resolução publicada no Diário Oficial de 7 do corrente. Sômente lamento impossibilidade de comparecer em virtude de integrar comitiva do governador ao Vale da Ribeira. Indiquei, contudo, D. Edvete Rodrigues Machado, da Diretoria da Divisão de Certames e Atividades para representar-me na cerimônia alusiva.

Cordialmente

a) Pedro de Magalhães Padilha
Secretário da Cultura, Esportes e Turismo

TELEGRAMA:

Ào povo de Olímpia

Acusando recebimento carta de julho agradeço atenção de todos, mas lamentavelmente não poderei comparecer devido compromissos antes assumidos na mesma data.

Desejo a todos os olímpenses felicidades e grande êxito folguedos folclóricos que se realizarão nesta cidade.

Cordialmente,

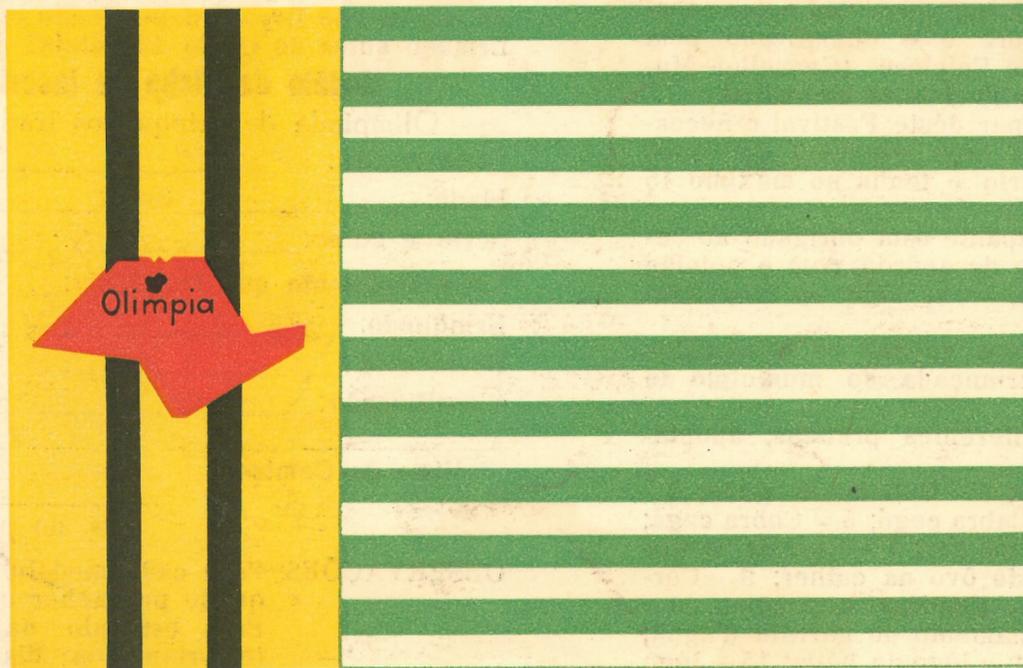
Jarbas Passarinho

Ministro da Educação e Cultura

AGRADECIMENTO

A Comissão Organizadora do 7.º Festival de Folclore, reconhecida e satisfeita, com a atenção dispensada pelo excelentíssimo senhor prefeito municipal, Dr. Wilquem Manoel Neves, aos nossos tradicionais festejos de agosto, destinando-lhe todo o estímulo e ajuda financeira para a sua realização, vem, com todo o reconhecimento, manifestar a mais sincera gratidão.

Bandeira do Município de Olímpia



O CRIADOR DOS FESTIVAIS E O FOLCLORE

Muitas localidades dêsse São Paulo estuante de dinamismo, grandeza e progresso, como nos demais lugares privilegiados do nosso enorme país, terão condições para competir com esta cidade. Mas Olímpia, filha do sertão, nascida no coração de um grande vale, tinha tudo para se tornar cidade padrão, em estudos folclóricos, no cultivo dos usos, hábitos e costumes da nossa gente e na preservação das mais caras tradições da nossa terra.

Para sua glória, a um de seus filhos, môço cheio de entusiasmo, não escapou a real significação de tudo quanto emana do espírito do povo. É óbvio que nos referimos ao professor José Sant'anna. «Esse jovem que não gosta de ser apontado como saudosista e muito menos que o chamem de tradicionalista - escrevemos na contra capa do seu primeiro disco - talvez porque nem tôdas as manifestações folclóricas lhe agradem, começou por fazer «pesquisas de campo» e, em seguida, a registrar tudo quanto tratasse da alma simples e ingênua dos humildes filhos do sertão. Tal era o encanto que encontrava naquele tesouro valioso, porém, dissipável, que se decidiu a estudá-lo e a dedicar-lhe tôdas as suas horas disponíveis».

Em 1965 realizou o I FESTIVAL FOLCLÓRICO. Daí por diante não mais parou. Foram muitas as suas realizações. Instalou o Departamento de Folclore de Olímpia, cujo objetivo era incentivar o estudo do folclore e chamar a atenção para a importância dessa ciência sócio-antropológica. Por intermédio de Ely Camargo, notável intérprete das nossas músicas, travou conhecimento com o Dr. Rossini Tavares de Lima e, logo após, com a professora Laura Della Mônica, ilustres folcloristas, tornando-se a seguir, membro efetivo da Associação Brasileira de Folclore. Integrou a Comissão Estadual de Folclore (Conselho Estadual de Cultura) e preside a Comissão Municipal de Folclore.

Vieram os outros festivais: II, III, IV, V e VI, em 66, 67, 68, 69 e 70, respectivamente, e, agora, em 1971, o VII.

Hoje, o criador dos já tradicionais festejos de agosto, conta com valorosa equipe de colaboradores, porque-para usar a linguagem bíblica, tanto do seu agrado - êle foi como o sementeiro que rasgou o solo e pôs a semente para germinar. A planta surgiu tenra, cresceu, tornou-se árvore, ganhou porte e o sementeiro não pode atingir mais, com as próprias mãos, os ramos das alturas.

A despeito, porém, da repercussão e do vulto que tomaram os festivais folclóricos de Olímpia, há quem não compreenda o alcance do folclore ou que lhe meça o valor, apenas pela coreografia pitoresca de suas manifestações mais interessantes. Mas quem se der ao trabalho de estudar a formação dos povoados, vilas e cidades dêsse imenso país, de investigar-lhes a vida dos habitantes, descobrirá as raízes e as fontes de não poucas práticas que o progresso nem sempre consegue extinguir da alma popular.

Na cooperação vicinal das populações rurais; nos cantos melancólicos, ou alegres, cablocos, nas noites negras ou claras de luar; nos ritmos frenéticos de nossas danças; na crença fervorosa em um Deus criador de tôdas as coisas; no árduo trabalho do quotidiano; no alvoroço dos folguedos infantis; nas horas de intensa euforia e até nos momentos de grandes dores, os nossos antepassados formaram hábitos, criaram usos, geraram costumes, legados às gerações porvindouras e que permanecem dormentes, à espera do sopro da brisa para que despertem e crepitem em fagulhas saltitantes.

ROTHSCHILD MATHIAS NETTO

Presidente da Comissão Municipal do Patrimônio Histórico, Cultural e Esportivo-Olímpia